

MAESTRIA

O jovem clarinetista potiguar, de família humilde, que segue sons para ganhar o mundo com a música

NÃO É NEVE, É SAL

As atividades, a beleza e a exploração no coração do maior produtor de sal marinho do Brasil

HISTÓRIA

As ruas de Natal que foram batizadas com nomes de grupos indígenas

“A CAERN NÃO SERÁ PRIVATIZADA”

A AFIRMAÇÃO É DO PRESIDENTE DA ESTATAL, ENGENHEIRO MARCELO TOSCANO. EM ENTREVISTA EXCLUSIVA, TAMBÉM FALA SOBRE AS OBRAS QUE VÃO FAZER DE NATAL A PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL 100% SANEADA; SECA, LIGAÇÕES CLANDESTINAS, ROUBO DE ÁGUA E SANEAMENTO DAS CONTAS DA COMPANHIA



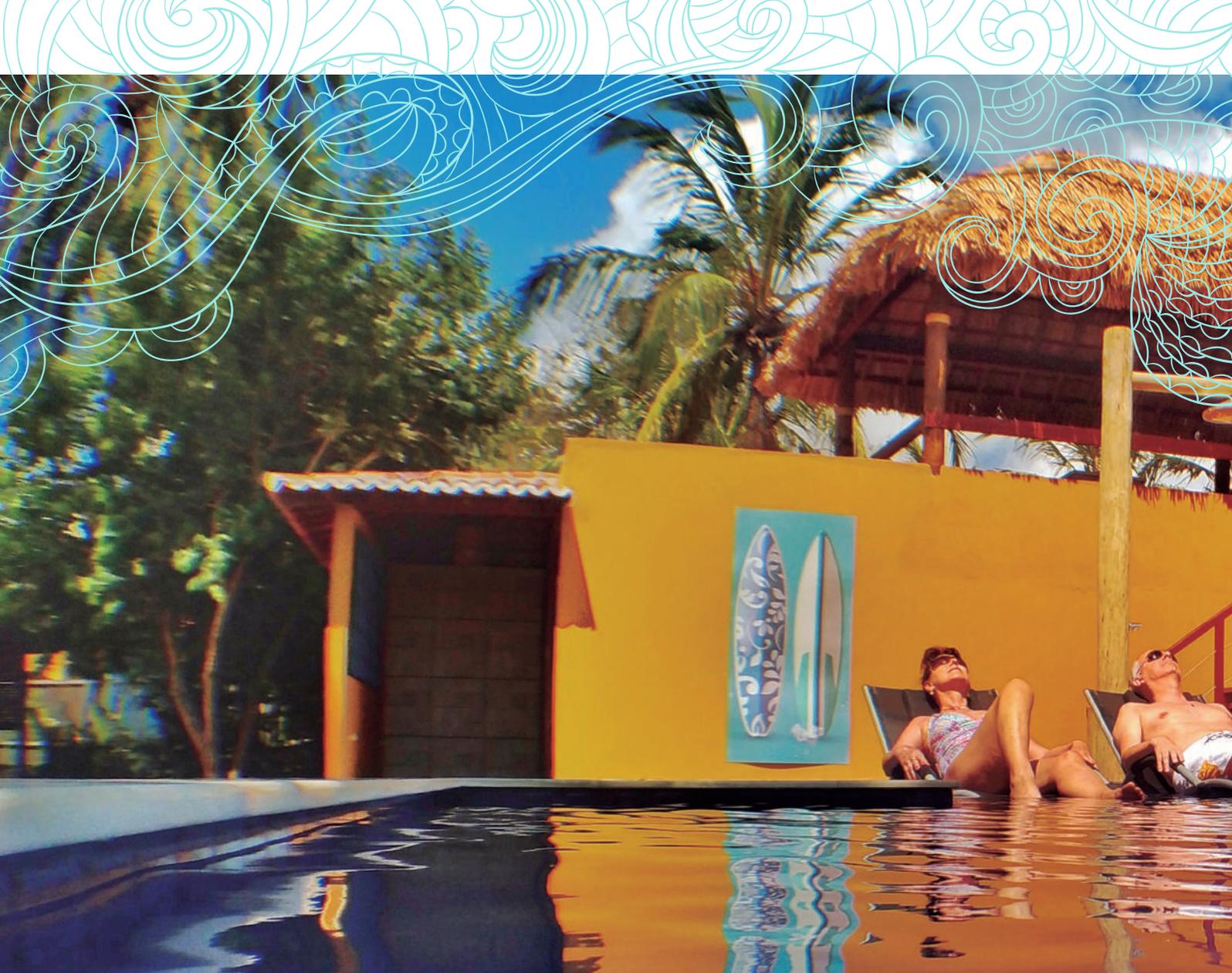
FREI MIGUELINHO

O herói natalense de batina que foi pacificador entre brasileiros e portugueses



DUCAL PALACE

Histórias e curiosidades do hotel que marcou época no imponente imóvel em formato cilíndrico



AMOR COM SABOR

A pousada Spa dos Amores inaugurou seu novo restaurante, com vista panorâmica, alinhando rusticidade ao conforto.

O cardápio foi elaborado pelo chef Mito Avelar em parceria com a chef Michely Tinoco, com pratos à base de frutos do mar, mas sem deixar de prestigiar a cultura nordestina.

Agora este paraíso ficou ainda mais Gostoso



RESERVAS:
(84) 3693-2027

reservas@pousadapadosamores.com.br

Rua Principal, n 5, Praia de São José, Touros RN. Região Turística de São Miguel do Gostoso.

www.pousadapadosamores.com.br

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

TRANSPARÊNCIA
E ECONOMIA
PELO BEM DO
RIO GRANDE DO NORTE.

A gestão moderna da Assembleia Legislativa promoveu a **transparência**,
a economia de gastos e uma ampla **reforma administrativa** na Casa do Povo.
Graças à economia gerada pelo **corte de gastos**, a atual gestão ficou
abaixo do limite prudencial e pôde investir, com a **aprovação**
dos 24 deputados, em importantes ações em benefício da população.



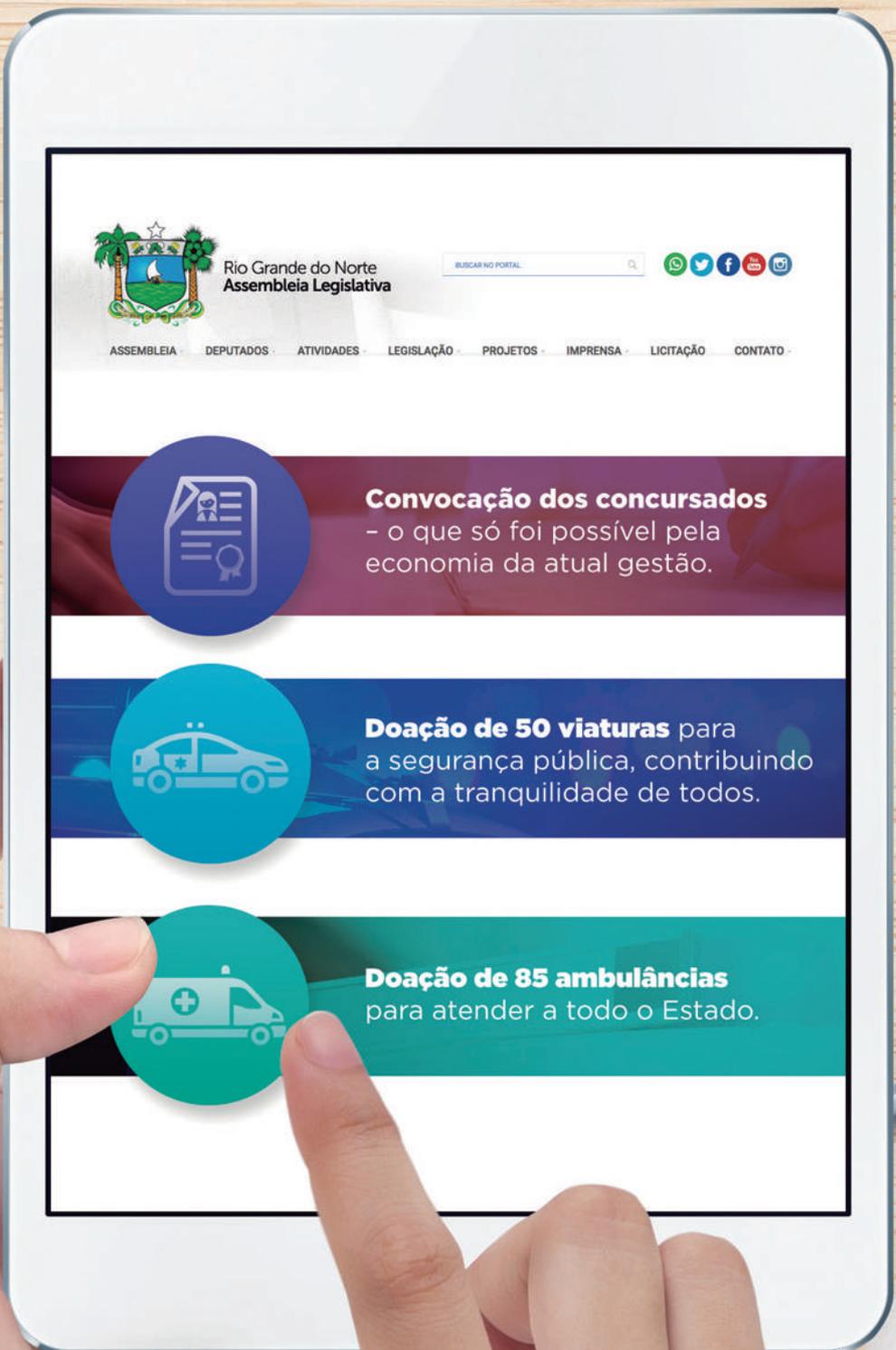
Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa



assembleiarn



www.al.rn.gov.br



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa

BUSCAR NO PORTAL



ASSEMBLEIA · DEPUTADOS · ATIVIDADES · LEGISLAÇÃO · PROJETOS · IMPRENSA · LICITAÇÃO · CONTATO



Convocação dos concursados
- o que só foi possível pela
economia da atual gestão.



Doação de 50 viaturas para
a segurança pública, contribuindo
com a tranquilidade de todos.



Doação de 85 ambulâncias
para atender a todo o Estado.

É o Poder
Legislativo dando
a sua contribuição
à Sociedade
e trabalhando
pelo bem-estar
e o **Desenvolvimento
do Rio Grande
do Norte.**



COLMEIA

NO INÍCIO MUITOS ACREDITAVAM que a ‘ousadia’ de produzir uma revista mensal no Rio Grande do Norte não passava de ilusão. Assim, teria vida curta. Mas, entramos em 2018 com o pé direito – novamente –, e vamos aproximando-nos do aniversário de cinco anos, quando o dia 4 de julho chegar. Creditamos como diferencial nossa marca registrada: resgate da memória, de personalidades a imóveis históricos. Item que faz da Bzzz, inclusive, peça de coleção para muitos e bibliotecas, como a do Instituto Ricardo Brennand, no Recife (PE), considerado um dos maiores e mais respeitados museus do mundo.

Mais uma edição chegando – a de número 55, uau! –, contamos outras boas histórias. Na capa e no recheio, as curiosidades de um hotel que marcou época não apenas pela sua revolucionária arquitetura cilíndrica, muito também pelos itens de luxo até então desconhecidos em Natal; hóspedes ilustres, e por quebrar tabus, como uma boate onde a atração maior jogava holofotes sobre striptease. Era o Ducal Palace Hotel. Também, a história de Frei Miguelinho, natalense que participou da Revolta dos Padres, um dos mais difíceis movimentos enfrentados pela coroa portuguesa. Foi pacificador, mas condenado ao fuzilamento.

Os belos e imponentes montes brancos que remetem Macau ao maior produtor de sal marinho do Brasil são contados em bem traçadas linhas. Sal que começou a ser extraído no período colonial, pelos portugueses. Tem a interessante atividade do pastor de abelhas Manoel Veríssimo. Você sabe que Natal recebeu nomes de tribos indígenas que viveram no RN? Contamos quais e o que motivou.

Na linha polêmica, a Caern no centro da questão, sobre uma possível privatização. O atual presidente, Marcelo Toscano, descarta qualquer possibilidade. Fala sobre roubo de água, ligações clandestinas, distribuição de água nesse período de seca castigante. Detalha sobre as obras que farão de Natal a primeira capital totalmente saneada do Brasil. De Boston para Natal, o casal que escolheu Petrópolis para vender mobílias de preferência norte-americana.

Como os brasileiros estão escrevendo nesses dois anos de vigência do Novo Acordo Ortográfico? Saiba sobre a “montanha que pariu um rato”. Gilson Bezerra apresenta as belezas de Guamaré. De Brasília, as cachoeiras que são uma maravilha. Tem moda infantil, casas para o verão, dicas de turismo; festas em Brasília e em Maracajaú; a opinião do presidente da Fecomércio-RN, Marcelo Queiróz, sobre a economia do turismo.

Sabe quanto os brasileiros já pagaram somente em janeiro deste ano de tributos? Leia na minha coluna J

Eliana Lima
Editora

EXPEDIENTE



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaabelhinha.com.br

@revistabzzz

Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS:
revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99109 9678

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ADRIANA BRASIL, CAMILA PIMENTEL,
CÍCERO OLIVEIRA, GILSON BEZERRA,
HAYSSA PACHECO, HELENA ARGOLO CAFEZEIRO,
LEONARDO DANTAS, NORTON RAFAEL,
OCTAVIO SANTIAGO, RAFAEL BARBOSA,
ROSILENE PEREIRA, SÉRGIO FARIAS,
VÂNIA MARINHO, WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA
THAMISE CERQUEIRA

FOTOS
ASSESSORIA CAERN, CANINDÉ SOARES,
CÍCERO OLIVEIRA, ELÍPIDIO JÚNIOR,
EVALDO GOMES, GILSON BEZERRA,
JOÃO NETO, JOÃO OLIVEIRA, LILI GLUCK,
PAULO LIMA, RICARDO JUNQUEIRA,
THAMISE CERQUEIRA

GRÁFICA
IMPRESSÃO

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

CHEGOU A CARTEIRA DE ESTUDANTE 2018



Faça já a sua. Acesse:

portaldouestudentenatal.com.br

ou visite os postos NatalCard

Para mais informações:

 (84)3216 - 8482

QUE VANTAGENS EU TENHO COM A CIE 2018 ?



MEIA-ENTRADA GARANTIDA POR LEI,
NACIONALMENTE

Lei 12.933/2013 | Decreto 8.537/2015



MEIA-PASSAGEM
Transporte Municipal



A ÚNICA COM BASE NA
LEGISLAÇÃO FEDERAL



SEGURANÇA FÍSICA E DIGITAL



DESCONTOS ESPECIAIS EM:

Saúde, Educação, Alimentação, Lazer, Academias e Variedades



NatalCard



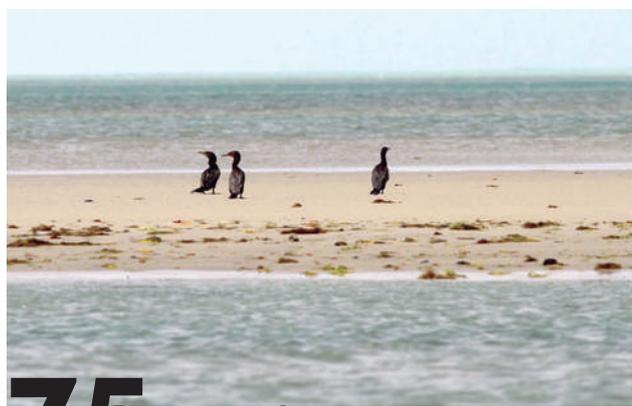
@natalcard





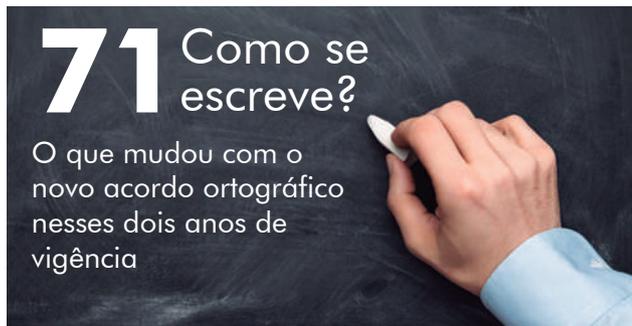
41 Doce zelo

Em belo texto poético, a história do peregrino que anda quilômetros por ano para cuidar de abelhas



75 PARAÍSO

O viajante Gilson Bezerra mostra os encantamentos naturais e saborosos de um lugar chamado Guamaré



71 Como se escreve?

O que mudou com o novo acordo ortográfico nesses dois anos de vigência



65 Dos EUA em Natal

Descendentes de italianos e nascidos em Boston (EUA), Lori e Mark Procopio escolheram Petrópolis para comercializar mobiliário estadunidense

11 Impostos

Na coluna Eliana Lima, detalhes dos bilionários tributos já pagos brasileiros este ano



89 Arquitetura

Casas em harmonia com o verão



85 MODA

Temporada fashion para a gurizada



81 Planalto Central

Brasília não tem mar, mas ostenta cachoeiras

PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

*SIMPLES:
Hospital do Coração.*

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração.

Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- **Urgência 24 horas**
- **Transplantes de órgãos**
- **Check-up Executivo**

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.

(84) 4009-2000
hospitaldocoracao.com.br





ELIANA LIMA

MAL NA FITA

A imagem do Brasil vai de mal a pior em países europeus, como Portugal. Seu povo brasileiro, idem.

SOM NA CAIXA!

A deputada Cristiane Brasil (PTB), filha de Roberto Jefferson, que vai na corda-bamba para ser ministra do Trabalho, é conhecida nos escaninhos da Câmara como baladeira. Motivo: adora reunir uma turma de parlamentares para curtir a noite nos bares de Brasília.



A TCHURMA

Certa vez capitaneou uma turma de 23 deputados. Carioca que só ela, a deputada também é conhecida por postar fotos bem descontraídas na sua conta do Instagram. Várias fotos bem relax, digamos assim.

DUREZA

O Governo Temer não facilita mesmo para o governo potiguar. Enquanto liberou R\$ 300 milhões para o governo do Distrito Federal ampliar o metrô, necas para o tão propalado VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) para circular completo na capital dos magos-sofridos.

É ISSO

E enquanto o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) investiu mais de R\$ 14 milhões na extensa obra de restauro da Fortaleza do Morro de São Paulo, no município baiano de Cairu, deixou a Fortaleza dos Reis Magos, em Natal, a ver navios. Carcomidos.

POIS BEM

Em 2013, o Iphan assumiu a gestão do Forte dos Reis Magos, com a anuência da Superintendência do Patrimônio da União, e iniciou escavações arqueológicas. Só na elaboração do projeto gastou R\$ 230 mil. E para as obras de restauro e adaptação arquitetônica, anunciou investimento de R\$ 8,5 milhões. E que seria o primeiro projeto de obra dentro do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Cidades Históricas. Maaasss...não concluiu os trabalhos, nada de relíquias encontradas.

RESULTADO

Devolveu a gestão, com as obras inconclusas, para a Fundação José Augusto (FJA), do governo potiguar.

DEPRIMENTE

E a fortaleza, maior monumento de Natal, que atrai o interesse de turistas de todo o mundo, continua levando mares de reclamações. Do acesso ao descuido interior. E o pior: a insegurança que ronda a área. São muitos relatos de turistas assaltados. É só conversar com algum guia de turismo, que muito lamentam a situação. Castigo de anos e anos. Sem solução, nem a longo prazo.

GIROFLEX

Delegado da Alfândega da Receita Federal no Porto do RJ, Ricardo Lomba Bastos promoveu mudanças. A auditora Maria do Rosário Castello Branco deixou a chefia da Seção de Assessoramento Técnico Aduaneiro (Saata); e o auditor Ricardo Ferreira Aires assumiu a chefia do Serviço de Procedimentos Especiais Aduaneiros (Sepea), em substituição ao servidor Carlos Fernando Silva Barbosa, que seguiu para a aposentadoria.

BEM NA CONTA

Para as atividades de 2018, a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais ganhou do Ministério da Cultura o direito a captar mais de R\$ 15,9 milhões. Mas, teve redução do valor inicialmente autorizado. Valor que não chega a R\$ 31 mil.

DE RECURSOS

Já o Instituto Virada Sustentável obteve o direito de captar R\$ 1 milhão para realizar a Virada Sustentável Campinas e Porto. Já com a redução de R\$ 5,6 mil.

DE INCENTIVO

E para a temporada de 2018, a Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul poderá captar mais de R\$ 1,4 milhão. Do valor inicial, houve redução de R\$ 2,6 mil.

TINTEIRO

No exercício da presidência da República, com a viagem do presidente Michel Temer a Davos, o deputado Rodrigo Maia (DEM) nomeou Sérgio Luiz Messias de Lima para ser o adido Tributário e Aduaneiro na Embaixada do Brasil em Assunção, Paraguai.

CIFRAS

Fevereiro mal começou e a arrecadação de tributos no estado de São Paulo já chega à casa dos R\$ 70 bilhões. Representa 37,39% da arrecadação total do Brasil.

BILIONÁRIAS

Já a capital paulista contabiliza cerca de R\$ 2,3 bilhões arrecadados.

PASMEM!

Somente em janeiro deste ano, os brasileiros já pagaram cerca de R\$ 185 bilhões de tributos. Só de Previdência Social foram mais de R\$ 34,5 bilhões. O segundo valor mais alto foi de Imposto de Renda: mais de R\$ 30 bilhões. A Cofins (Contribuição para Financiamento da Seguridade Social) aparece em terceiro, com cerca de R\$ 17 bilhões. E o FGTS? Na casa dos 10 bilhões de reais.

A PROPÓSITO...

Você sabe o que é CSLL? Para quem ainda não sabe é a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido. Trata-se de um tributo federal que incide sobre o lucro líquido do período-base, antes da provisão para o Imposto de Renda, devida por pessoas jurídicas e entes equiparados pela legislação do IR. Pois bem, esse imposto já rendeu mais de R\$ 5,7 bilhões este ano para os cofres federais.

INTERNACIONAL

E de Imposto de Importação (II) já são coisa de R\$ 3 bilhões. E o IOF (o tal do imposto sobre movimentações financeiras) supera a casa dos R\$ 2,7 bilhões. E o IPI (imposto sobre produtos industrializados) vai se aproximando dos 4 bilhões de reais.

TRABALHADORES

A soma do Pis/Pasep vai chegando aos R\$ 5 bilhões. E de outros impostos, que são muitos, o governo federal já vai somando mais de R\$ 6,3 bilhões.

É. O meu, o seu, o nosso pobre-rico-dinheirinho indo só eles sabem pra onde.

SAL

riqueza, trabalho e exploração

Em Macau (RN), a atividade salineira tem vários adjetivos que passam pela belo, rico e explorador

Por Norton Rafael
Fotos: João Oliveira





OS IMPONENTES E BELOS montes brancos vão se amontoando nas margens da estrada. Disposta de forma similar às pirâmides egípcias, com a base larga e o topo estreito pontudo. A cadeia de pequenas montanhas poderia ser facilmente confundida com uma geleira ou colina coberta de neve. Porém, o forte calor que incide sobre nossas cabeças e o gosto salgado na boca nos faz lembrar que estamos no maior polo produtor de sal marinho do país.

É extraído da Costa Branca, trecho do litoral do Rio Grande do Norte que conserva salinas a perder de vista. Praticamente todo o sal comercializado no mercado brasileiro. A iguaria serve ao consumo humano e, principalmente, à indústria química, que consome a maior parte da produção local. Dos 150 principais produtos químicos, 104 levam sal em sua composição. Parte da extração também é comercializada no exterior.

Consolidada atualmente como uma das principais atividades econômicas do estado, o sal marinho começou a ser extraído no Rio Grande do Norte durante o período colonial. Foram os portugueses que instalaram as primeiras salinas artesanais na costa potiguar. Os colonizadores levaram em consideração aspectos naturais que propiciavam o fomento da atividade para instalar as jazidas na região, como os ventos constantes, o forte calor e a ausência de chuvas.

Foi, porém, apenas durante a segunda metade do século passado que as salinas passaram por um processo de expansão de suas atividades, em função do crescimento da demanda por sal marinho. Fundamentada essencialmente no trabalho humano braçal, as salinas potiguares chegaram a empregar mais de 30 mil pessoas. A maior parte desses postos de trabalho, contudo, existia de forma insalubre e colocava o trabalho em condições sub-humanas.

Registros feitos pelo fotógrafo francês Marcel Gautherot, em 1957, durante passagem pelo Rio Grande do Norte, dão a dimensão da precariedade dos empregos ofertados aos trabalhadores na extração de sal. Gautherot visitou salinas localizadas no município de Macau, distante 167 quilômetros de Natal e apontada como um dos lugares mais importantes para o fomento da atividade, e registrou crianças e idosos trabalhando nos locais. De forma totalmente precária, eles transportavam balaios – espécie de cestos – abarrotados de

sal até as docas para embarque nos navios de transporte.

Além disso, as imagens feitas pelo fotógrafo francês ainda revelam que os trabalhadores não dispunham de equipamentos de proteção ou mesmo de roupas ade-

quadas para lidar com o trabalho nas salinas. Muitos trabalham sem camisa e descalços, o que ampliava as chances de acidentes. A maioria dos operários utiliza apenas um chapéu de palha para tentar conter os efeitos do sol sob a cabeça.



Divulgação/ Instituto Moreira Salles

Marcel Gautherot/Divulgação



Fotógrafo francês Marcel Gautherot, registrou a precariedade dos trabalhadores

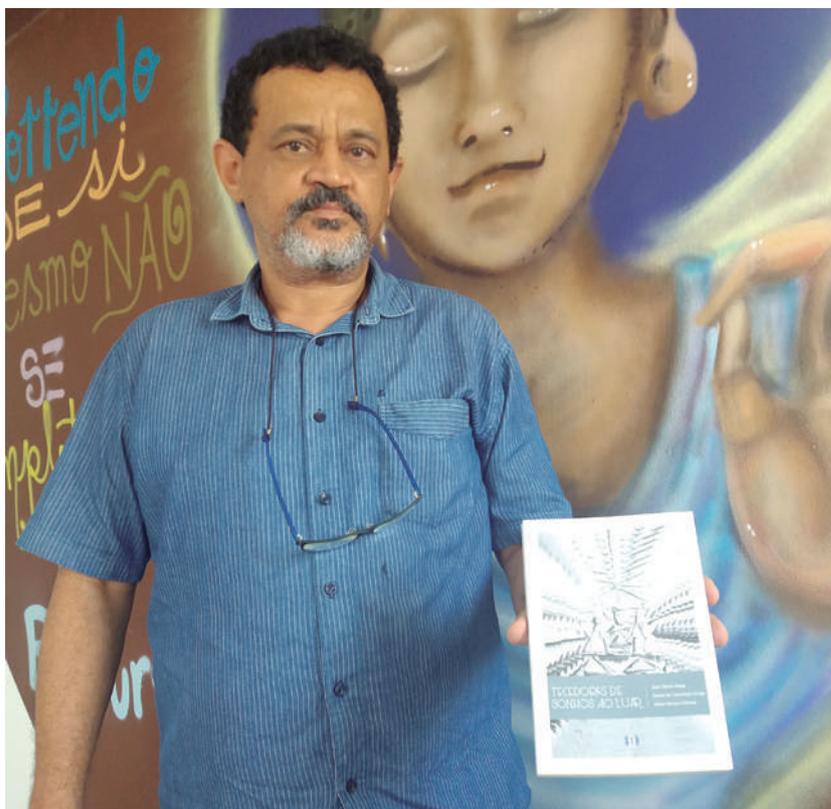
Trabalhadores em condições precárias nas salinas

Tecedores de sonhos ao luar

“As pessoas trabalhavam nas salinas por necessidade. Como não havia emprego na região, os homens se sujeitavam a passar horas trabalhando nas salinas correndo o risco de exposição a todos os tipos de doenças e acidentes de trabalho”, diz o historiador João Maria Fraga, autor do livro “Tecedores de sonhos ao luar”.

A obra, escrita em parceria com o também historiador Fábio Pereira Feitosa e a socióloga Maria da Conceição Fraga, foi lançada em novembro deste ano e descreve o trabalho precário nas salinas em Macau durante as décadas de 1950 e 1960. Segundo João Maria, que morou durante parte da infância em Macau, antes de ser radicado em Natal, “o livro tem como principal objetivo preservar a memória das pessoas que lutaram por melhores condições de trabalho na extração do sal. Mesmo com um mínimo de instrução, essas pessoas criaram um sindicato forte e conseguiram bater de frente com os empresários da indústria salinera”, resume.

“Tecedores de sonhos ao luar” destaca, principalmente, a figura de Venâncio Zacarias de Araújo, alçado da condição de trabalhador na extração de sal a prefeito de Macau em função de ações desenvolvidas junto ao sindicato da categoria, fundada por ele. “A tra-



O historiador João Maria Fraga lançou livro sobre os trabalhadores das salinas

jetória de Venâncio se tornou um marco na história política do Rio Grande do Norte. Ele era um líder nato e conseguiu promover uma revolução na sociedade macauense. Tornou-se prefeito pela vontade popular e ainda elegeu o filho deputado estadual, além de fazer vários vereadores. Todos tinham em comum o fato de representarem os trabalhadores do sal e serem oriundos das bases sindicais da categoria”, conta João Maria Fraga.

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração de Sal de Macau foi fundado em 1948

com fins de defender os interesses coletivos dos operários das salinas, que até então não tinham direitos trabalhistas assegurados. Uma das primeiras medidas do sindicato, segundo consta no livro, foi exigir que as Leis Trabalhistas promulgadas por Getúlio Vargas fossem cumpridas na indústria salinera local, como o pagamento de salários e outras benfeitorias. Ao mesmo tempo, a instituição passou a ofertar assessoria jurídica e médica aos trabalhadores e suas famílias, melhorando a qualidade de vida dos operários.

Declínio trabalhista após o golpe militar

Como grande parte dos agrupamentos de trabalhadores do país, o sindicato macauense também foi alvo de perseguição por parte dos militares brasileiros durante a Ditadura Militar. A partir de 1964, quando as Forças Armadas tomaram o poder por intermédio do golpe Civil-Militar, os principais líderes do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração de Sal de Macau passaram a ser perseguidos pelo Regime. A entidade também teve direitos ceifados e acabou sendo desmantelada. O próprio prédio construído pelos sindicalistas e que abrigava a instituição foi demolido pelos militares.

“O Golpe de 1964 destruiu toda a estrutura do sindicato e o fez perder força. Isso foi muito significativo para os trabalhadores de Macau, pois o sindicato era o seu representante legal contra os salineiros, que são os donos das salinas. Além disso, os militares também permitiram que empresas estrangeiras passassem a operar nas salinas do estado. Assim, gradativamente, as empresas exploradoras de sal foram passando de empresários locais para multinacionais. É nesse período que as máquinas começam a substituir o





Equipamentos e formas de trabalho após o golpe militar

trabalho braçal e o número de pessoas contratadas pelas salinas reduz drasticamente”, descreve João Maria Fraga.

O processo de mecanização da atividade salineira apresentada pelo historiador resultou em encolhimento da população macau-

ense. Entre o início da década de 1970 e o fim dos anos 1980, a cidade apresentou um êxodo superior a mil pessoas. “Foi o caso da minha família e de outras tantas que deixaram Macau por falta de oportunidades no município”, afirma.

Atualmente, a exploração

de sal marinho continua sendo um dos principais vórtices da economia macauense. Todavia, ela vem paulatinamente perdendo espaço dentro do cotidiano social da cidade por ter deixado de ser executada pelas mãos de pessoas da região.

O mangue e o sal

Outras atividades econômicas são desenvolvidas em Macau além da exploração de sal marinho. A cidade costeira é um importante polo pesqueiro do Rio Grande do Norte e é contemplada por reservas de petróleo e gás mineral, explorados pela Petrobrás. O mangue que cerca o município também desponta como atividade importante, principalmente para pescadores que retiram do local parte de sua renda.

O mangue e o sal se tornaram objeto de estudo para o fotógrafo potiguar João Oliveira. Ele vem desenvolvendo uma pesquisa documental sobre as pessoas que trabalham nessas duas frentes econômicas distintas. No último dia 14 de dezembro, João inaugurou a exposição “Macau: Sal e Mangue”, que tem o objetivo de mostrar como as duas frentes influenciam nas características sociais da cidade.

Para o profissional, a principal diferença do trabalho que ele está desenvolvendo para outros realizados sobre os mesmos eixos centrais é o cunho documental. O fotógrafo pretende mesclar a produção visual com trabalhos científicos e produzir um estudo amplo sobre como a mecanização afetou diretamente as características sociais dos trabalhadores de Macau.

“A importância do sal, hoje, é apenas uma marca da cidade. Não afeta diretamente quem vive em Macau. Percebi que a produção de pescado, a relação com o mangue... está muito mais presente no cotidiano das pessoas do que a produção salineira. Então, até o momento, essa foi a impressão que tive. Macau perdeu a relação que tinha com o sal, embora seja uma das principais cidades produtoras do país. Vejo que as pessoas de lá são apartadas da produção”, observa.

A perda de identidade com a atividade salineira desponta como uma via de mão única para a população de Macau. A cidade que outrora dependia diretamente da produção do sal marinho hoje conserva apenas histórias das lutas de um povo por melhores condições de trabalho.







Herói de batina

Padre Miguelinho nasceu em Natal, mas foi morar ainda jovem em Pernambuco. Tem uma rica história de heroísmo ainda pouco conhecida

Por Hayssa Pacheco

É POSSÍVEL QUE MUITOS natalenses nunca tenham se questionado ou dedicado alguns minutos de pesquisa para conhecer um pouco mais sobre o homem que está por trás do nome Padre Miguelinho, ou Frei Miguelinho. É provável que poucos saibam sobre seu lado idealista, reforçado por nobres convicções morais e uma parcela de heroísmo que o impediram de fugir do fuzilamento e morrer em nome de uma causa que acreditava ser de grande importância social, a independência do Brasil frente aos abusos econômicos da coroa portuguesa. Ele foi o secretário da Revolução Pernambucana, também conhecida como Revolta dos Padres, um dos mais importantes movimentos de ca-

ráter revolucionário do período colonial brasileiro e que este ano completou 200 anos de história.

O padre integrava um grupo de revolucionários que desencadearam vários movimentos de emancipação no Brasil, entre os séculos 18 e 19. A base desses movimentos foram os ideais iluministas, cujo discurso era libertário e trazia o lema da igualdade e da fraternidade. Nesta linha ocorreram a Inconfidência Mineira (1789), a Inconfidência Baiana (1798) e a Revolução Pernambucana (1817) que teve uma efetiva participação do padre potiguar. Essa última reverberou na então Capitania do Rio Grande do Norte, cujo líder foi André de Albuquerque Maranhão.

Cenário

Nesse período, o país nutria uma grande insatisfação popular com a corte portuguesa, processo que foi intensificado com a vinda da família real para o Rio de Janeiro, em 1808. O Nordeste atravessava uma grande seca que castigava a população e aumentava a miséria, a isso se somava a escassez dos recursos financeiros, embora os impostos e tributos fossem crescentes para sustentar o grande número de portugueses em cargos públicos e o luxo das festas promovidas pela coroa, na capital da Guanabara. Produtor de açúcar e algodão, Pernambuco era uma das capitanias mais ricas do Brasil Colônia, o que fazia dela uma das maiores contribuintes também. Juntos, Recife e Olinda tinham cerca de 40

mil habitantes no início do século 19.

A sensação de descontentamento era crescente entre a população. Um princípio de motim contra a coroa já havia ocorrido na capitania pernambucana com a Conspiração dos Suassunas, em 1801, que fracassou, mas serviu de semente para a revolução que ocorreria 16 anos depois. Embora a primeira tentativa de luta pela independência tivesse fracassado, a população do Recife e Olinda continuava a se reunir em sociedades secretas, como a Maçonaria, onde as ideias liberais chegavam através de livros trazidos por estrangeiros ou por brasileiros que desembarcavam da Europa, como o padre Miguelinho.

Padre Miguelinho

Nascido em Natal, aos 16 anos mudou-se para Recife e após completar sua formação pela Ordem Carmelita, Miguel Joaquim de Almeida Castro, o frei Miguelinho, assim conhecido por causa de sua baixa estatura, foi viver em Portugal, onde deu continuidade aos estudos religiosos. “A viagem a Lisboa teve influência decisiva na vida de frei Miguelinho, onde fez grandes amizades com os maiores sábios e homens de pensamento. Frequentou as sociedades literárias, quando se fazia admirar pelo brilho de sua inteligência e

elevado nível cultural”, descreveu o monsenhor Severino Bezerra no livro “Levitas do Senhor”, publicado em 1981, pela Fundação José Augusto. Esta afirmação é reforçada pelo historiador João Carlos Rocha, que já ministrou palestras sobre a vida do padre em lojas maçônicas de Natal. “Portugal teve uma grande influência na formação do padre. Foi lá que ele teve contato com as ideias iluministas, que eram contrárias ao regime da coroa. Essa formação trouxe para ele uma forte atuação política”, pontua.

Segundo descreve o monsenhor Severino no livro, Miguelinho retornou à Olinda em 1800, onde foi recebido com entusiasmo pelos amigos e admiradores que reconheciam nele um sábio, teólogo, filósofo e renomado orador. Tais qualidades despertaram o interesse do Bispo de Olinda, Dom José Joaquim Azevedo Coutinho, com quem estreitou laços durante o período lusitano e isso rendeu um convite para que Miguelinho assumisse o cargo de professor de retórica no recém-inaugurado Seminário de Olinda.

Revolução

Foi nesse contexto de extrema insatisfação popular, seca ferrenha e fomento das ideias libertárias que a Revolução Pernambucana foi sendo construída. Considerado um dos mais sérios movimentos enfrentados pela coroa portuguesa, por ter ameaçado fortemente os planos do príncipe-regente de Portugal, Dom João VI, de construir um grande império luso-brasileiro, a revolução começou com a ocupação do Recife, em 6 de março de 1817. O capitão José de Barros Lima, conhecido como “Leão Coroadado”, que estava no regimento de artilharia, reagiu à voz de prisão e

matou o comandante Barbosa de Castro a golpes de espada. Em seguida, acompanhado de outros militares rebelados, ele tomou o quartel e ergueu trincheiras na vizinhança para impedir a passagem das tropas monarquistas. Refugiado no Forte do Brum, o governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro foi cercado e se rendeu. Com o governo pernambucano dominado, os revolucionários instalaram o governo provisório e proclamaram a República.

Como havia muita animosidade do povo brasileiro para com os portugueses, Miguelinho, que

foi o redator de vários documentos do movimento (decretos, proclamações, ordens e ofícios), precisou também atuar como pacificador, para que o novo Brasil nascesse em clima de harmonia entre os brasileiros e os estrangeiros. Também coube a ele, na famosa “Proclamação ao povo”, divulgada após a nomeação do governo provisório, fazer o anúncio oficial que era concluído com a frase, “A Pátria é a nossa mãe comum, vós sois seus filhos, sois descendentes dos valerosos lusos, sois portugueses, sois americanos, sois brasileiros, sois pernambucanos”.



A Revolução dos Padres era gerida no convento de Olinda, em Pernambuco

Constituinte

Dias depois, em 29 de março, foi convocada a assembleia constituinte, na qual foi estabelecida a separação entre os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. A religião católica foi decretada oficial, foi proclamada a liberdade de imprensa – uma novidade para o Brasil da época e alguns impostos foram abolidos. “Os religiosos que integravam o Seminário de Olinda foram essenciais para que o movimento ocorresse. O padre Miguelinho não era o líder do

movimento, mas estava entre os principais revolucionários e foi nomeado o secretário geral do governo provisório. Ele era uma espécie de chefe de gabinete do movimento”, afirma o historiador João Carlos.

O patriotismo dos pernambucanos crescia à medida que aumentava a revolta contra a coroa portuguesa, isso refletia em vários aspectos. Durante as missas, o vinho foi substituído pela aguardente e a mandio-

ca ocupou o lugar do trigo na feitura da hóstia. O movimento enviou emissários às outras províncias do Norte e Nordeste, a fim de estimular a derrubada dos governos e a ampliação da revolução, mas sem apoio significativo da população. Nas demais capitanias o movimento não avançou. Por outro lado, Dom João VI reprimia com violência o movimento, tropas terrestres e navais foram enviadas para Pernambuco.

O fim do sonho

As tropas oficiais cercaram Recife e, em 21 de maio de 1817, padre Miguelinho junto com outros 71 revolucionários foram presos na Fortaleza das Cinco Pontas, colocando fim ao movimento que durou 75 dias. No texto “Quem foi Miguelinho?”, publicado em 10 de agosto de 2014, no jornal Tribuna do Norte, o autor Sanderson Negreiros afirma que Miguelinho foi um homem de muita grandeza, quando a revolução foi abafada pelas tropas monárquicas, muitos companheiros de luta fugiram, mas o padre passou a noite que antecedeu a sua prisão, ao lado de sua irmã Clara, em Olinda, rasgando e queimando documentos que pudessem incriminar seus amigos revolucionários, este ato salvou a vida de muitos. A sua irmã propôs sua fuga, mas ele reagiu: “Não posso nem devo. Sei que vou ser preso. Mas preciso livrar meus amigos de castigos terríveis que vêm pela frente”, escreveu Sanderson sobre o herói potiguar.

Após a prisão, no início de junho, ele e outros companheiros de causa foram encarcerados no porão de um navio, amarrados a ferros e assim, sem ver a luz do sol, permaneceram por oito dias até chegarem a Salvador, em 9 de junho, e no mesmo dia foram entregues ao julgamento militar,

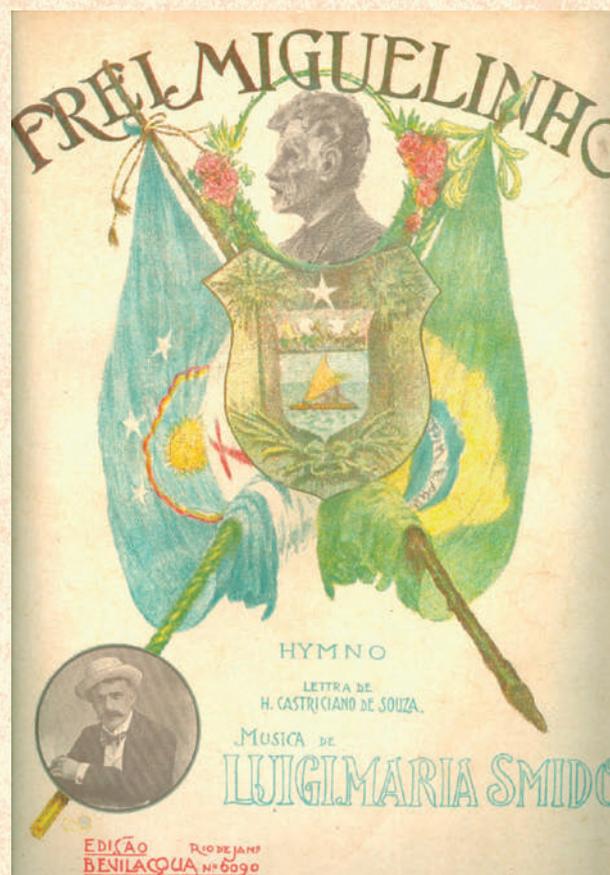
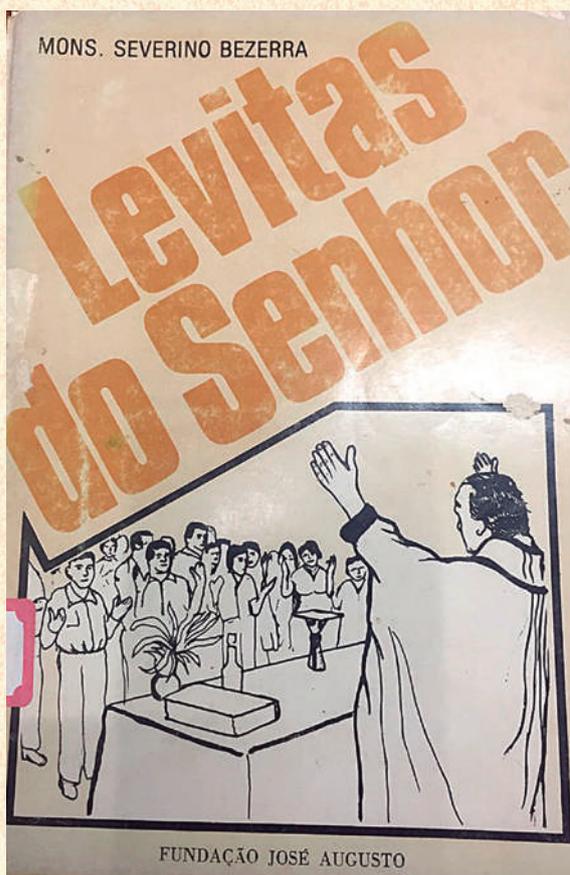


O julgamento de padre Miguelinho aconteceu em Salvador, na Bahia, onde foi fuzilado

conduzido pelo Conde dos Arcos, general português famoso por atos de violência. Apesar da acusação do crime de lesa-majestade (traição contra a majestade), cuja pena era o fuzilamento, existia por parte do tribunal uma intenção de permitir que o padre se defendesse, mas ele se recusou. Convicto de seus ideais, o religioso permaneceu calado.

“O Conde dos Arcos, que condenara à morte os outros revolucionários, detém-se diante da figura de Miguelinho. E sentiu que, ali, havia uma personalidade diferente. Um instante raro de dignidade humana. Percebendo em Miguelinho esse ser extraordinário, propõe a ele: ‘Há documentos aqui que o incriminam.

Como, por exemplo, este, assinado pelo senhor, mas onde falta a letra O’. Miguelinho calado. E o Conde repõe: ‘Alguém deve ter assinado pelo senhor’. O que implicaria em não condenação à morte do padre. Mas, Miguelinho pede o documento, examina-o e responde: ‘Não, esta letra é minha. Realmente faltou papel para eu colocar o O final do meu nome’. E volta ao silêncio e à oração”, escreveu o jornalista Sanderson Negreiros no texto acima citado, para mostrar o quanto digno e coerente foi o padre, mesmo diante da morte, não abriu mão de suas responsabilidades. Miguelinho foi fuzilado em 12 de junho de 1817, no Campo de Pólvora, em Salvador.



Dois dos poucos registros que se tem da história de Padre Miguelinho

Miguelinho

Natural de Natal, alguns historiadores divergem quanto a sua data de nascimento. Alguns registros afirmam que Miguel Joaquim de Almeida Castro nasceu em 17 de setembro de 1768, mas também é possível encontrar como data oficial 17 de novembro de 1768. Filho do capitão português Manoel Pinto de Castro, com a natalense Francisca Antônia Teixeira,

ele foi batizado pelo padre Bonifácio Rocha Vieira, em 3 de dezembro do mesmo ano, na Igreja Matriz Nossa Senhora da Apresentação. Além de Miguelinho, a família também era composta pelos irmãos Inácio, que foi vigário de Jaboatão (PE), Manoel Pinto que foi vigário de Natal, José Joaquim que foi pároco no Maranhão e Clara de Castro.

* Padre Miguelinho não tem imagens registradas

Hotel Ducal

A imponente construção em formato cilíndrico guarda histórias festivas e curiosas da capital potiguar. Hospedava artistas como Roberto Carlos e hoje funciona para aluguel de salas comerciais

Por Rafael Barbosa

Fotos: Cícero Oliveira/Divulgação



EM MEIO AO VAI e vem de carros e da fumaça que se espalha pelo frenético fluxo de veículos e transeuntes no coração de Natal, uma charmosa edificação se impõe na Rua João Pessoa, frente ao cenário caótico. É o edifício Ducal, que foi construído há mais de 40 anos, com a proposta de ser o hotel mais luxuoso da capital banhada pelo Potengi, rio que inspirou grandes poetas, como Newton Navarro. Seus corredores contam os tempos em que a Cidade Alta era o bairro de turistas, famosos e autoridades que aportavam. História que começou em meados da década de 1970.

Luiz Antônio Porpino, o Marechal Porpa, participou junto ao ex-governador e ex-ministro Aluísio Alves das orientações para a construção do que seria o hotel de destaque em qualidade de serviço no Rio Grande do Norte. “Uma feliz coincidência: estavam sendo construídos no Brasil os seis melhores hotéis. E foi essa equipe que planejou os hotéis. Os fornecedores foram os mesmos, os arquitetos de interior também, os calculistas, os construtores. Isso deu um suporte muito eficiente para a qualidade que se quis chegar ao Ducal Palace Hotel, recorda Marechal Porpa, que foi o primeiro gerente-geral do Ducal.

Em novembro de 1976, a fruto de um projeto da empresa sírio-libanesa Monte Líbano, foi apresentado à sociedade. Um hotel de 11 mil metros quadrados, a segunda unidade no RN com ar-condicionado central. Um prédio com visão de 360°, de onde se tem vista do centro da cidade e também da calmaria das águas do Potengi. “Eram

312 janelas feitas com todos os cuidados para evitar o problema do barulho, da luminosidade. Tinha quatro mil metros de carpete. Tudo o que foi usado foi da melhor qualidade, lembra Porpino.

Na época ele estava em um exílio espontâneo na Alemanha quando foi chamado por Aluízio Alves para voltar a Natal e ajudar na gestão do Ducal. Como chegou antes mesmo do prédio ser erguido, também auxiliou nas especificações

dos equipamentos a serem utilizados pelo estabelecimento. “Me deram total liberdade para eu cuidar da parte da hotelaria. Eu vinha de cinco anos de hotelaria na Alemanha, estudando justamente construção de hotel. Fazia a especificação desde a toalha ao vaso sanitário, da segurança à comunicação”. O Ducal era o único hotel no Brasil da época que tinha funcionários na recepção que falavam e escreviam em inglês, 24 horas por dia, relembra.



Marechal Porpino com traje típico de garçom alemão, em 1971, durante curso no hotel Hilton de Munique

Divulgação/Brechando na foto



Hotel de 11 mil metros quadrados, o Ducal foi a segunda unidade no RN com ar-condicionado central e foi construído com visão de 360º com vista do centro da cidade e também do Rio Potengi



No hotel os cinzeiros eram personalizados



O Ducal foi inaugurado no dia 6 de novembro de 1976



O jornalista Antônio Sales entrevista Gal Costa na na suíte presidencial do Ducal Palace



Show na boate Sanuk, em 1980. Registro do então funcionário Júlio Lourenço



Local de ilustres

Chegava a Natal um hotel quatro estrelas, com 200 apartamentos e dez suítes. Tornou-se uma atração até para os natalenses. Segundo o Marechal Porpa, o empresário Nevaldo Rocha, dono do Grupo Guararapes, chegou a morar no Ducal Palace com os familiares, antes de construir seu apartamento. “Eu procurava pesquisar os hábitos dos hóspedes. Um dos hábitos de Nevaldo que eu posso dizer é que ele gostava de comer pinha. Eu ia pessoalmente procurar, para quando ele viesse tomar o café da manhã”, recorda. Os artistas que passavam pela capital potiguar também começaram a ter destino certo depois da construção do hotel. “Roberto Carlos, As Frenéticas, Gilberto Gil, Maysa, todas essas pessoas foram nossos hóspedes”.

Para a chegada de Roberto Carlos foi montado o maior esquema de segurança já planejado



Na degustação mensal de vinhos, o Ducal Palace Hotel recebia conhecedores da bebida. Na foto, Porpino recepciona Grácio Barbalho e Aldo Medeiros

pela administração do Ducal. O cantor foi acompanhado por policiais à paisana da hora que chegou a Natal até o momento de embarcar de volta. O curioso, conta Porpino, é que o rei nunca soube disso. Os homens também ficavam no hotel sem que ele perce-

besse. Para o show no Palácio dos Esportes, o artista foi levado em um carro de seguradora. Dentre os clientes mais exigentes, cita o cantor e compositor Juca Chaves. “Ele limpava os talheres antes de se alimentar. Muito exigente com a alimentação e a limpeza”.

Café coado no pano em meio a malte escocês

No dia de inauguração, a festa preparada no Ducal Palace recebeu diversas autoridades, inclusive de órgãos federais. Para a ocasião, foram escolhidos os melhores licores, uísques que se tinha à disposição. Marechal Porpa lembra que também planejou servir aos convidados um café coado no

pano, para dar um ar artesanal ao preparo. Mas o pano que tinha sido separado para coar o café sumiu na hora em que as autoridades seriam servidas. Marechal Porpa lembra que correu até um bar no Beco da Lama, ali, próximo ao Ducal, para tentar arrumar um pano que substituisse o original. Foi no bar Pé do

Gavião que ele encontrou ajuda. O dono do boteco lhe cedeu um pedaço de pano sujo, que usava para servir aos clientes de seu estabelecimento no Centro Histórico de Natal. “Foi com esse pano que coamos o café para as autoridades, em meio a tantos licores e outras bebidas de primeira qualidade”.



Carnaval e striptease

Os famosos carnavais de Natal dos anos 70 e 80 desfilavam seus blocos pela Cidade Alta e terminavam a folia no Ducal. Porpino conta que o 3º andar do prédio era alugado pelos foliões do Clube América para que fosse dado o grito de carnaval do ano seguinte. O hotel virava festa.

O prédio de 20 andares também abrigou boates, que movimentavam as noites da cidade. Ainda nos anos de 1970, a administração do hotel resolveu instalar por lá um estabelecimento, na parte intermediária do imóvel, que

ficou causou burburinho e curiosidade. Era a Boate Sanuk. Reunia pessoas de diferentes classes sociais e tinha apresentações de striptease, que ficaram famosas e mexeram como imaginário de muita gente em Natal. Àquela época, a pacata capital não tinha muitos lugares de entretenimento.

Foi no palco da boate onde se lançaram cantores como o popular Zezo, que atualmente tem fama em diferentes partes do Brasil com o seu ritmo brega. Ele se apresentava em noites de festa da Sanuk, ainda desconhecido.

Decadência

Um desentendimento entre os proprietários do Ducal Palace no início dos anos 80 gerou desinteresse na administração do hotel e fez com que eles entregassem a gestão a uma empresa pernambucana, o grupo Luxor, reconhecido por seus grandiosos empreendimentos hoteleiros, afamados pelo luxo e pela qualidade de suas instalações. Mas o negócio não deu certo. Entre o final da década de 1980 e os primeiros anos da de 1990, o Ducal ficou fechado por 10 anos. Estava entregue ao Banco do Brasil.

Foi quando o empresário Luiz Amorim resolveu comprar o imóvel. Segundo Marechal Porpa,

o empresário ficou sensibilizado com o descaso para com o prédio e, por isso, fechou negócio. Até hoje é proprietário do edifício. O Ducal foi transformado em um centro comercial, em que são locadas salas para empresas e também para o funcionamento de órgãos do poder público.

Os anos passaram e o Ducal não é mais o centro das atenções na Cidade do Sol. Contudo, o imponente prédio de estrutura peculiarmente arredondada chama a atenção de quem passa no cruzamento da Rua João Pessoa e a Avenida Rio Branco. Até hoje enfeita a paisagem de concreto do Centro de Natal.

A young man with short dark hair, wearing a dark suit jacket over a white button-down shirt, is holding a silver clarinet. He is looking slightly to his right with a subtle smile. The background is dark and out of focus.

Em busca da *maestria*

Os caminhos de um clarinetista que quer ganhar o mundo com a música

Por **Adriana Brasil**
Fotos: Divulgação

O QUE O MÚSICO almeja? “A perfeição”, respondeu rápido Wendel André, enquanto montava o clarinete para mais um ensaio, em uma das salas de estudo da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), horas antes de embarcar para a Bolívia, onde se apresentaria dali a alguns dias a convite de uma orquestra. “A perfeição é uma meta a ser alcançada, mas que não existe”, filosofou. “Tentamos fazer o nosso melhor. Mas é um almejar que nunca chega, sabe? Perseguir a perfeição é gratificante, prazeroso. É algo tão próximo e ao mesmo tempo, distante”, refletiu.

É comum ver o rapaz de vinte anos em dias de sol forte e calor palpitante, sentado à sombra de um cajueiro, com a postura elevada e relaxado, a extrair do clarinete melodias bonitas e ricas. Antonio Wendel André da Silva celebrará o ano de 2017 pela conclusão do Curso Técnico de Música – Clarinete - pela Escola de Música da UFRN.

Wendel é natural de Caraúbas, cidade do médio-oeste do RN. Cresceu no município de Campo Grande, que fica a 273 km da capital potiguar. É o filho do meio de uma família de cinco irmãos, criados pela mãe, Salete da Silva, que sustentou a família trabalhando como faxineira e lavadeira.

“Chorei muito”, disse Salete, ao falar sobre o recital apresentado pelo filho que simbolizava a conclusão de uma jornada. Foi a primeira vez que a mãe vira o rapaz se apresentar para o grande público, em um auditório na

Escola de Música, na UFRN, três anos depois que o filho passou a estudar na capital. “Ver o meu filho tocando clarinete ora tanta gente, ver tantos aplausos... no momento, vieram à memória muitas lembranças”, emocionou-se. “É o sentimento de realização, sabe? Eu coloquei o meu filho na aula de música.”, contou.

Quando Wendel tinha dez anos, Salete o inscreveu no projeto social Associação Espaço Cultural Cleto de Sousa, hoje transformada no Instituto Gentil, onde o jovem iniciou os estudos da flauta doce. A família não tinha tradição musical.

Pelo desempenho inicial, o menino poderia vir a ser um músico mediano. Era difícil alcançar a destreza para tocar solos - trechos musicais sem acompanhamento - feito que se mostrava ser mais fácil para outros jovens no projeto. Mas Wendel estudava por horas a fio na busca por alcançar o mesmo mérito dos demais colegas.

A autoavaliação viria a ser uma constante. O professor de Wendel naquela época, Claudio Jales, recordou: “No início ele não despontou com o talento de quem viria a ser um clarinetista dos bons”, avaliou, “errava bastante, tinha dificuldades para fazer os solos e se entristecia por isso. Mas havia nele algo que o diferenciava de muitos: a dedicação extrema ao aprendizado da música”, elogiou o professor. A percepção das próprias limitações levou o jovem a estudar e perseguir o ideal de ser um bom e promissor músico.

Claudio Jales, o professor Cacá, como é conhecido, tem 38 anos e aprendeu música de forma autodidata. Dá aulas no Instituto Gentil há mais de 12 anos e acolhe os alunos de maneira quase paternal. Muitas vezes, chama os pupilos carinhosamente de “filho”; busca inspirá-los a pensar na música como uma profissão. “Incentivo os meninos a despertarem para acreditarem em seus sonhos, se desejam ser músicos, devem se esforçar, estudar para acreditar e realizar, seja qual for o sonho”, enfatizou o professor.

Muitos jovens acabam por optar pela carreira musical em bandas de baile e forró, demandas comuns nas cidades pequenas. Com Wendel, foi diferente. O jovem optou por se aprofundar no estudo das partituras e interpretação.

Foram apenas alguns anos a aprender e se apresentar com a banda de flauta doce formada no grupo. Até que o Instituto abriu possibilidades de alguns alunos evoluírem no aprendizado de outros instrumentos de sopro: um sax, dois trompetes e o clarinete. Fazendo parte do seleto grupo, Wendel escolheu o charmoso saxofone, porém, o sax estava destinado a um aluno mais antigo no projeto. Aprender o trompete foi descartado pelo adolescente de catorze anos à época, “pensei que eu seria apenas mais um a tocar o trompete, já que havia muitos praticantes”, recordou. O então desconhecido clarinete figurou como o desafio, um instrumento que lhe despertou a curiosidade.



“Violino” da banda filarmônica

O clarinete (ou clarineta) é um instrumento musical de sopro, surgido provavelmente no início dos anos 1700. Sua invenção é creditada ao alemão Johann Christoph Denner, como um aperfeiçoamento do chalumeau, instrumento de madeira em uma só peça, com orifícios para os dedos e uma ou duas chaves e sem ação direta dos lábios sobre a palheta. Tomou a forma atual na década de 1840, com o sistema de chaves desenvolvido por Theobald Boehm. O clarinete contemporâneo, normalmente utilizado no Brasil e na maior parte do mundo possui, no mínimo, 17 chaves e chega a pesar três quilos. No país, o instrumento é bastante utilizado na execução de choros e em grupos de samba, serestas e na MPB.

Tido como instrumento eclético, o clarinete pode emitir notas doces, delicadas, suaves como a flauta, mas também soar agressivo, festivo, emitir sons graves e fortes como os de um trombone. O instrumento está inserido desde os ambientes mais populares, como o do chorinho quando os da música erudita. “Toca de músicas antigas às modernas, participando de diferentes formações e possibilidades sonoras”, informou o professor de música Amandy de



Amandy Bandeira é professor de clarinete e Música de câmara da UFRN

Araújo, doutor em clarinete pela Universidade da Georgia, EUA. O instrumento tem posição de destaque nas orquestras. “O clarinete é o violino da banda filarmônica. Toda orquestra sinfônica do mundo tem, pelo menos dois clarinetes”, informou. A participação do instrumento não se restringe à música erudita. “É possível ouvir o som do clarinete desde temas de novelas a filmes cult”, declarou o professor.



Um novo ciclo, na capital

Os atrativos de se aprofundar no aprendizado da música entusiasmaram o jovem estudante de música. “Os professores diziam o que ganharíamos com a profissão de músico: a alegria e a felicidade. E com esses dois valores eu me sentia sempre instigado. Quis descobrir mais, estudar e fui buscar na capital o estudo direcionado ao clarinete”, lembrou Wendel.

Em 2014, faria na capital os

testes para entrar no Curso Técnico de Clarinete, na EMUFRN. Tinha apenas dois anos de prática em clarinete, tempo considerado curto para a maturidade musical. Além da falta de experiência, haviam os parcos recursos financeiros. Valia-se da força de vontade, do apoio de amigos e do Instituto Gentil, que o ajudaram nas despesas e estudos das peças para o teste prático.

No dia da seleção, o jovem ficou pálido e nervoso ao adentrar a sala do teste e ter que tocar o clarinete diante de quatro avaliadores. Foi reprovado, chorou. Mas voltou para Campo Grande decidido e perseverante: ano seguinte seria aprovado no teste para o curso técnico; o que veio a acontecer, com a conquista do primeiro lugar no teste prático, em 2015.

Aptidão lapidada

As performances de Wendel com o clarinete mostram o diálogo do instrumentista com o tempo, a música. Há uma expressividade própria de um músico de 20 anos, que acredita na felicidade e arte através da música e que em suas apresentações traz o refinamento e sutilezas das partituras, mas impõe o seu estilo próprio, criativo, repleto de aptidões artísticas.

Para manter o nível de excelência, Wendel estuda o dia inteiro. Acorda às 8h e vai para a EMUFRN, onde inicia os estudos às 9h. Sobrevive como estudante bolsista na EMUFRN e mora em uma república no bairro de Potilândia, próximo ao campus da UFRN. À noite, retorna para casa e retoma os estudos, das peças musicais, história da música,

na busca do aperfeiçoamento.

Para Wendel, o bom músico deve saber interpretar a música de acordo com a interpretação da época da composição. “Tem que

“

Estamos sempre a analisar as performances uns dos outros. Existe a competição, e isso gera um clima um pouco tenso.”

Wendel André

treinar a afinação, articulação, sonoridade, técnica e outras características que constituem o talento musical”, afirmou.

O estudante lida com o am-

biente competitivo e a necessidade de constante aprimoramento. “Músico sempre está a se comparar com outros músicos”, refletiu. “Estamos sempre a analisar as performances uns dos outros. Existe a competição, e isso gera um clima um pouco tenso”, admite. Perguntado sobre como encara as críticas e limitações pessoais, Wendel revela que busca trilhar pelo caminho da humildade. Nos momentos “tensos”, recorda uma frase atribuída ao clarinetista venezuelano Jorge Montilla e que leva como um ensinamento: “certa vez, ele foi perguntado sobre o que é mais importante: estudo ou talento. ‘Talento para aprimorar o estudo.’ foi a resposta dada e que achei pertinente para me guiar pela vida”, refletiu.

Outra inspiração está na família e em especial a figura da mãe: “Tenho em minha mãe a maior força. Por ela ter sustentado a família, praticamente sozinha. Por ter ensinado os valores que carrego em mim.”, revelou. Sempre que pode, Wendel viaja para Campo Grande para visitar os irmãos

e jogar futebol. Outro divertimento é ouvir música por horas a fio, apreciador de diversos gêneros musicais, curte samba choro, jazz, e funk – não o brasileiro, mas sim, o estilo afroamericano, que mistura soul, jazz e rhythm and blues.

Falar da vida amorosa ilumina o rosto do jovem. Vive um

amor à distância com Joice. A conheceu em um evento religioso em Fortaleza, no Ceará, quando viajou com um grupo da igreja para participar de um encontro com jovens. Na apresentação do recital de conclusão, Joice estava na primeira fila, de mãos dadas com a sogra.



Orquestra Potiguar de Clarinetas

OCP

Wendel é integrante da Orquestra Potiguar de Clarinetas (OCP). Criado em 2008, o projeto tem como objetivo principal promover, pesquisar e executar um repertório composto, arranjado e adaptado para Orquestra de Clarinetas, que é formada por alunos e ex-alunos de clarinete e percussão dos cursos técnico e de graduação da Escola de

Música da UFRN, que tem, atualmente, 21 estudantes de clarinete.

O músico é elogiado pelo coordenador da Orquestra, Amandy Bandeira: “É muito dedicado ao instrumento, tem musicalidade já desenvolvida. A cada dia, aprimora a técnica do instrumento.”, afirmou. E acrescenta: “não acredito em talento, creio em trabalho. O sucesso

é adquirido através do trabalho e, com certeza, Wendel obterá sucesso, porque empenha-se muito. Estuda bastante. Quando faltam salas para estudar na Universidade, sai em busca de uma sombra de árvore para aplicar seus estudos. Está sempre motivado, empolgado, buscando tocar mais. Terá um futuro grande como músico.”, avalia.

Do RN para o mundo

A emoção de viajar através da música é difícil de descrever. Wendel tem recebido convites para se apresentar no exterior. Se preparava em dezembro para embarcar para a Bolívia, para apresentação junto à orquestra da Embaixada Mundial de Ativistas pela Paz (Emap). Feito que já aconteceu em 2016, no Paraguai e este ano, no Panamá. Ainda em 2017, participou com músicos da OCP para o Clarinet Fest 2017, o maior encontro anual de clarinetistas do mundo, promovido pela International Clarinet Association. Na programação, Master Class, exposições de instrumentos e materiais em geral, concertos musicais, concursos de performance no instrumento e de composição. A orquestra brasileira apresentou o repertório diferenciado. Canções como Chiclete com Banana (de Gordurinha e Almira Castilho) e Feira de Mangaio (Sivuca). A brasilidade na música instrumental é bastante admirada no exterior. “Ao fim das apresentações que fizemos, fomos muito assediados pelos músicos”, contou. “Ficaram encantados, queriam saber ‘como fizemos aquilo’, divertiui-se. Wendel disse que, pelo sucesso da participação naquela edição, a OCP recebeu convite para apresentações no Clarinet Fest 2018.

O encontro com a música dá a Wendel a possibilidade de encontrar o que seria a missão de sua jornada. “Levar a arte para as pessoas, ver o encantamento da plateia pela música me traz uma emoção indescritível”. Sonha evoluir tecni-

camente na busca pela perfeição: “Desejo chegar a um nível de performance muito bom, ter o talento elevado. Mas ter uma profissão definida, ser músico profissional de orquestra, ou mesmo um professor universitário”, planeja.



Tradição familiar e empreendedorismo social

“Wendel foi um aluno que se destacou pela habilidade e assiduidade na prática musical. Aprimorou seus conhecimentos e seu talento o levou onde está, merecidamente. Ainda tem muito caminho a percorrer, mas acreditamos nele desde a primeira hora e sabemos da sua vontade de ir mais longe”, afirmou o empresário Antonio Gentil, idealizador do Instituto Gentil, projeto que ajudou Wendel e outros jovens a desenvolverem talentos e ganharem oportunidades.

O Instituto teve suas origens na década de 1990. Antonio leu dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de sua cidade natal, Campo Grande, que figurava na 143ª posição dos 167 municípios do estado. Alarmado, teve a ideia de construir uma biblioteca na cidade. Fez questão de não buscar apoio e ter total independência do poder público. Que veio a se transformar no Instituto Gentil. “A família Gentil carrega o legado da independência”, orgulhou-se.

Em 2000, o IDH de Campo Grande elevou-se para a 96ª posição e em 2010, para a 55ª posição. “Claro que esse resultado advém do envolvimento da Igreja, outras organizações, medidas governamentais. Mas creio na parcela de



Antonio Gentil, empresário e idealizador do Instituto Gentil, projeto que ajudou Wendel e outros jovens

contribuição do Instituto Gentil.” comemorou Antonio.

Na casa, as crianças têm acesso à biblioteca, brinquedoteca, escola de informática, pinacoteca, museu, escola de dança, escola de música e um auditório, onde realizam apresentações ou participam de cursos. Além de terem aulas de

flauta doce e outros instrumentos musicais, à medida que crescem. Algumas passam a integrar a Filarmonia do Instituto.

As crianças têm acesso a cursos sobre economia pessoal, sustentabilidade, meio ambiente e empreendedorismo; por meio de parceria com a Ong Junior Achievement.

MANOEL, *o pastor de abelhas*

Há pessoas difíceis de encontrar. Como numa sequência de filme de ação, parecem estar sempre um passo à frente da gente. Por várias razões. Você deve conhecer alguém assim

Por Sérgio Farias

Fotos: Arquivo pessoal





POIS ASSIM COMO AS abelhas que cultiva, o acariense Manoel Veríssimo está sempre em movimento. Raro passar uma semana em casa, numa rua tranquila, que dá vista pra Igreja de Nossa Senhora da Guia, no bairro Ari Pinho, no município potiguar de Acari. Ele pratica um tipo de manejo que busca repetir o comportamento natural dos insetos em busca de alimento: a apicultura migratória.

Passa o ano inteiro transportando suas colmeias para onde haja floradas abundantes e rentáveis. Divide o calendário, em temporadas que vão da propriedade na zona rural de Acari, passa por cidades do Agreste, segue pelos tabuleiros litorâneos de Touros e – entre setembro a dezembro – cruza o estado com sua “manada” preciosa para a região do Cariri cearense.

Quantos quilômetros por ano? “Não sei ao certo. Mas não rodo menos de 10 mil”. (Essa distancia é quase duas vezes a mesma que separa Natal de Buenos Aires, por exemplo). Manoel fala com uma naturalidade de quem vai ali na esquina e volta. E só mesmo com essa leveza pra aguentar a *ritumba*.



Manoel Veríssimo



Abelhas, desde sempre

Cuidar de abelhas é um trabalho que exige um tipo de dedicação e disciplina que beira a devoção. “Eu não vejo minha vida sem as abelhas”. Esses insetos, pertencentes a mais alta casta da natureza, entraram na vida do sertanejo esguio e tímido no contato com estranhos, em 1976, depois de uma viagem sem sucesso a São Paulo em busca de emprego.

E de lá não voltar de cabeça vazia, aproveitou pra fazer um

curso de apicultura. “Desde menino eu tirava abelha no mato, essas coisas”. Manoel fala firme e apressado. E trabalha no mesmo ritmo. Pegou o jeito de ser dos bichos que ama e respeita. Resignada com o vai-e-vem sem fim do marido, a esposa Dasineide diz entre suspiros que sente a falta do marido na rotina diária da família. “Mas não tenho ciúmes das abelhas, não. É da apicultura que sobrevivemos”.

Pai de três filhos, Manoel

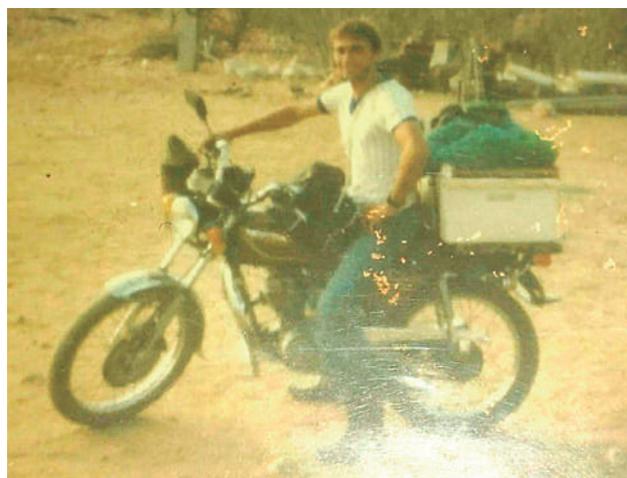
deixou marcadas nas gêmeas de 20 anos o amor que tem pelas abelhas. Melina e Melyssa trazem o doce néctar no registro de nascimento. As meninas nasceram enquanto ele ainda estava na estrada. “Mas não é o que as pessoas podem pensar. Meu pai sempre foi muito presente em nossas vidas”, diz Melina. Presença inspiradora: por espécie de convergência natural, decidiram ambas cursar tecnologia de alimentos no IFRN de Currais Novos.

“Era próximo a Acari e tem um vínculo forte com a produção de mel”, explica a pragmática Melina. Atenta, busca novas tecnologias e formas alternativas de manejo, para melhorar a produtividade das colmeias. “O sertão nordestino é uma das regiões mais promissoras do mundo para a produção de mel.” E é mesmo.

Tanto que a maior parte das oito toneladas que Manoel Veríssimo colheu nessa safra foi exportada para os Estados Unidos e para a Europa. O Semiárido brasileiro é uma das poucas regiões do planeta em que as abelhas, insetos supersensíveis às mudanças do clima, não enfrentam os efeitos da poluição que está dizimando as parentes nos países industrializados. Mas a seca dos últimos seis anos fez estragos no plantel de Manoel. Das 1000 colmeias que possuía, só conseguiu salvar quatrocentas. Mas, sempre otimista, já projeta a expansão do negócio, caso o inverno não continue falhando. “Vou conseguir novos enxames e quero chegar a umas mil colmeias em produção nos próximos dois anos”, festeja.



Manoel e as primeiras colmeias. Início dos 1980



A moto comprada com a venda dos primeiros litros de mel. Anos 80

Perigos e mudanças

Dos primeiros contatos predatórios com as abelhas - “eu usava uma roupa que eu mesmo improvisei pra caçar mel no mato” -, Manoel Veríssimo desenvolveu uma relação que perduraria pela vida inteira. “Trabalhei 10 meses de carteira assinada em São Paulo”. Mas não era sua praia. Lá, descobriu um curso de iniciação à apicultura com aulas práticas concluído em quatro fins de semana. Decidido, refez as malas, voltou para Acari e montou a primeira colmeia. Em cinco anos começou a

investir na apicultura migratória.

No começo o roteiro incluía temporadas em São Bento do Norte e propriedades alugadas no Agreste. Depois seguia para o sul do Ceará e, de lá, chegava até o Piauí. A viagem de volta era definida pelos humores do tempo, quando chegavam as primeiras notícias de chuva no Seridó. “Tenho consciência da importância do meu trabalho para a preservação da espécie. Tive muitas perdas nos últimos anos por causa da seca, mas em nenhum

momento pensei em abandonar minhas colmeias”, afirma.

O trabalho é árduo, mas rende frutos. Com a venda do mel, Manoel comprou propriedades no Rio Grande do Norte e no Ceará, um caminhão, automóvel, maquinário, reformou a casa e, sobretudo, virou referência na atividade que escolheu. “Pratico apicultura orgânica, então tem que ser tudo meticuloso, tem que ser mel puro. Vendo para empresas muito rigorosas com o controle de qualidade”, explica.



Manoel preparando as colmeias pra mais uma viagem



Manoel Veríssimo, o pastor de ovelhas. A planta é o “amor-agarradinho” muito apreciada pelas abelhas

Abelhas energéticas

As abelhas que Manoel cultiva são do tipo italiana. Uma versão menos agressiva que as africanas. Mas nem tanto. “Já levei tantas ferroadas que hoje nem sinto. Faz parte do negócio”, conta, divertido. Se toma mel? Sempre. “Especialmente pra adoçar os sucos. Não tem adoçante melhor”.

E não é só isso. O que os sertanejos sempre souberam, a ciência confirmou sem muito trabalho. Energético natural, o mel é uma mistura de água e açúcares simples, basicamente glicose e frutose. O segredo é a combinação desses e de outros ingredientes retirados das flores. “O mel apresenta funções bactericidas, antissépticas e cicatrizantes”, explica a nutricionista Alana Castro. Mas ela alerta que, como em qualquer produto



Melina coleta o mel orgânico para análise apreciada pelas abelhas

de origem animal, é preciso saber da procedência para ter garantidos esses benefícios. E dá uma dica: “Mel puro cristaliza com o tempo”.

A única restrição, segun-

do Alana, é para pessoas que têm alterações na glicose sanguínea, o chamado “açúcar no sangue”. Aí o consumo deve ser definido com recomendação médica.

Flores e sabores

A cor, a textura, o perfume e o sabor do mel variam de acordo com a florada. Está aí a explicação para as longas jornadas anuais de Manoel até o Cariri cearense. É lá que floresce uma trepadeira chamada cipó-uva, cujo néctar resulta num mel claro, de sabor macio e perfumado.

É a cereja do bolo do Apimaver, a empresa criada por Manoel para comercializar a produção.

Mas, no geral, o mel vem mesmo é da mistura sutil do néctar de muitas flores sertanejas. Marmeleiro, jitiraninha, cajueiro, maracujá-do-mato, amor-agarradinho, da flor do mandacaru e de

espécies exóticas, como o eucalipto. É por isso que na maioria dos rótulos o espaço dedicado à florada, predominante, quase nunca é especificado. E é essa variedade de matéria-prima que confere maior riqueza às propriedades do mel, como um alimento essencial à saúde.



Amor-agarradinho



Florada do eucalipto, que confere propriedades medicinais ao mel



Abelha colhe néctar numa flor de maracujá-do-mato



Manoel e suas abelhas a caminho do Cariri cearense



O pastor e seu rebanho

Aos 55 anos e milhares de quilômetros rodados, o pastor de abelhas anda um tanto cansado da correria. Pensa mecanizar parte da produção e do manejo, para aliviar o trabalho mais pesado, evitar perdas e melhorar a produtividade.

Este ano começa uma experiência pioneira para encurtar as idas e vindas com as colmeias. É um plantio irrigado da jurema, o arbusto mais comum do sertão, que produz uma flor também muito apreciada pelas abelhas. Serão dois hectares para come-

çar. Mas não chega a ser exatamente uma correção de rumo.

“Vou continuar com minhas colmeias estrada afora. Eu amo minhas abelhas”, diz com um sorriso de cumplicidade. Ainda bem que dona Dasineide não é uma mulher ciumenta.

“A Caern não será privatizada”

Entre uma das piores secas que o Rio Grande do Norte já viveu e uma das maiores obras realizadas no estado, o presidente da Caern, Marcelo Toscano, fala sobre o funcionamento da companhia, principais queixas da população e as polêmicas em torno de venda da estatal

Por Leonardo Dantas

Fotos: Themise Cerqueira



CONTUNDENTE, O ATUAL PRESIDENTE da Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (Caern), Marcelo Toscano, espanta qualquer boato de venda do ativo. Com as obras de saneamento de Natal em fase de conclusão, que traz para a “Noiva do Sol” o título de primeira capital brasileira 100% saneada, a empresa pública enfrenta outro grande desafio: a seca. A estiagem já dura sete anos e colocou 92% dos municípios potiguares em estado de emergência. Toscano afirma que a companhia vem trabalhando em ações emergenciais, mas que ainda aguarda liberação de recursos por parte do governo Federal. Orçamento, ligações clandestinas, roubo de água, educação do cidadão e outros temas permeiam a entrevista concedida à Revista Bzzz.

Seca

Em uma ode à água, o compositor Guilherme Arantes canta: “Águas escuras dos rios que levam a fertilidade ao sertão”. A paisagem romantizada pelo cantor está bem distante da enfrentada pelos municípios potiguares. Talvez seja por isso a expressão de preocupação de alguns prefeitos do interior do RN que se reuniam com Marcelo Toscano momentos antes da nossa conversa. “É uma situação muito difícil”, reage o engenheiro, presidente da Caern desde 2015. Ele lembra que é uma conjuntura que a estatal nunca passou desde que foi fundada pelo então governador Walfredo Gurgel, no ano de 1969. “Por mais que já tenhamos passado por períodos de estiagem, essa é a pior seca da história do estado”.

Para 2018, a previsão de oferta de água é preocupante, já que boa parte dos mananciais está chegando ao chamado volume morto, que é a reserva de água localizada abaixo das tubulações de captação. “Estamos trabalhando em diversas frentes e na prospecção de projetos para pleitear recursos do Ministério das Cidades. Desde 2015, foi instituído pelo governador Robinson Faria um Comitê de Crise solicitando verba ao Governo Federal. Foram pedidos cerca de R\$ 386 milhões à época, mas liberados recursos ape-



nas para a construção da adutora de Caicó - na castigada região do Seridó - cerca de R\$ 44 milhões, e para o uso de carros-pipa, via Defesa Civil do Estado”.

Toscano lembra também que além da adutora de engate rápido construída em Caicó, a Caern realizou uma obra que mexeu com toda a estrutura da cidade. “Nós trocamos toda a tubulação, colocamos uma rede nova e construímos mais um reservatório, para que não haja desperdício na água recebida da adutora. Foram investidos cerca de R\$ 60 milhões e a previsão de entrega é para abril”.

Outros projetos como a

perfuração de poços, construção de adutoras na região de Afonso Bezerra, ligando a Pendências, Macau e Guamaré, e instalação de tubulações dentro da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves ainda aguardam verbas federais.

A Caern, segundo o presidente, tem atuado de todas as maneiras possíveis para contornar a grave situação de seca. “Estamos trabalhando no prolongamento dessas captações das barragens, ou seja, buscando água de melhor qualidade em regiões mais profundas. Com o manancial secando, a qualidade da água vai piorando, então melhoramos os filtros



Perdas

A estiagem tem trazido grandes prejuízos ao Rio Grande do Norte. De acordo com levantamento da Secretaria da Agricultura da Pecuária e da Pesca do RN (Sape), as perdas somam aproximadamente R\$ 4 bilhões. Na Companhia de Águas do RN, a atenção também se volta para o roubo de água. “Nós temos um trabalho junto com uma empresa terceirizada de monitoramento desse tipo de ação. Quando detectamos, suprimimos o ramal e aplicamos multa. Há roubo tanto na rede quanto nas nossas adutoras pelo interior. Roubam para irrigação e consumo próprio também”.

A rotina e estrutura da Caern também foram modificadas em algumas cidades. Se não há abastecimento de água, como ficam os escritórios nessas regiões? Marcelo Toscano responde que o funcionamento é o mesmo. “Continuamos atendendo a população na questão da rede coletora de esgoto. Em cidades com colapso, o cidadão não está usando nossa rede de água, mas com os carros-pipa ele utiliza nossa rede coletora de esgoto e precisamos manter o sistema funcionando. Nos locais que não temos ainda a rede coletora de esgoto, esses funcionários são remanejados para cidades da região”.

de tratamento. Viabilizamos uma adutora de 11 km na Barragem Armando Ribeiro Gonçalves para atender Mossoró e Assú. Caso isso não fosse realizado, as duas cidades ficariam sem abastecimento”.

Ainda em Mossoró, ele explica que houve investimento também na perfuração de dois poços profundos de captação de água, no valor de R\$ 3,5 milhões cada. “Para evitar o desperdício, estamos instalando micro medidores em todas as casas. Há também uma parceria com a prefeitura da cidade, que vem realizando obra no sistema de esgotamento sanitário e a operação será entregue à Caern”.





Obras de saneamento são conferidas pelo governador Robinson Faria e equipe da Caern

Natal Saneada

Enquanto no interior do RN a natureza é o grande desafio da Caern, na capital, a empresa vem concluindo o projeto “Natal 100% saneada”. Depois de alguns anos de estudos, a obra saiu e está em fase de conclusão. “A

cidade dará um salto de crescimento e desenvolvimento. Pelo Plano Diretor, tem muitas regiões de Natal que estão impossibilitadas de receber construção por não possuírem saneamento. Algumas por decisão judi-

cial, como é o caso de San Vale, que desde 2007 proíbe qualquer construção antes da implantação da rede. É uma obra de grande importância também na área de saúde, pois evita a propagação de diversas doenças”.





O orçamento gira em torno de R\$ 504 milhões do governo federal e mais R\$ 200 milhões do governo estadual. Com a crise econômica no país e mais precisamente no RN, fica a dúvida se haverá verbas para a conclusão da obra. Marcelo explica que o governador e o deputado federal Fábio Faria (PSD) estiveram em reunião com o Ministro das Cidades, Alexandre Baldy, para reforçar e garantir o orçamento em 2018. “Ainda no final de 2017, recebemos o valor de 30 milhões de reais para pagar todas as empresas que estavam executando essas obras, para que não ficasse pendente nenhum

pagamento. O cronograma de pagamento está em dia. Não devemos a empresa alguma”.

Atualmente a obra está com 82% da rede concluída, faltando as estações de tratamento - a Guarapes e a Jaguaribe - e a previsão é de que no fim de 2018 alguns módulos dessas estações já estejam funcionando. “Para termos uma ideia da importância dessa obra, hoje, apenas 3% da Zona Norte tem saneamento básico. Ao todo, Natal só é 35% saneada”. Esse percentual coloca Natal na lanterninha do ranking do saneamento básico entre as capitais. De acordo com Instituto Trata Brasil, uma organização que estuda os avanços do saneamento básico do país, Curitiba é a capital com o melhor desempenho, com 88,44% de esgoto tratado.

O Plano Diretor de Esgotamento Sanitário de Natal lançado no ano de 2004 fez uma projeção populacional para o ano de 2014 e 2024. A estimativa de 2014 mostrava que os natalenses produziram uma vazão média de 2.042 litros de esgoto por segundo. Porém, a atual rede de saneamento possui a capacidade de atender apenas 715 litros por segundo. No fim da obra, com Natal 100% saneada, a rede irá conseguir atender a vazão de 2.800 litros por segundo. Além da rede coletora, a obra ainda contempla a construção de emissários, estações elevatórias e ligações.



Equipe da Caern e empresários das empresas responsáveis

Crimes e multas

Marcelo Toscano ressalta que é totalmente proibida a interligação de imóveis à rede sem autorização da Caern. “Hoje existem muitas ligações clandestinas nas redes coletoras que já estão instaladas, mas que ainda não estão aptas para o uso, pois só podem funcionar após a conclusão das estações de tratamento. Estamos com uma campanha para conscientizar a população, que aguarde um comunicado da Caern na conta”. Atualmente, apenas as interligações direcionadas para a Estação de Tratamento de Esgoto Dom Nivaldo Monte (ETE Baldo), que funciona desde 2011, estão autorizadas.

Ele chama a atenção para o mau uso da população com a

rede de esgoto. “É necessário ter cuidado com o que é despejado, pois há materiais que não podem ser lançados, como óleo, gordura, alimentos, fraldas, garrafas, absorventes etc. Isso provoca um entupimento e o posterior extravasamento da rede coletora”. As ligações clandestinas são consideradas crime e a multa pode ultrapassar o valor de R\$ 2 mil.

Outro crime também cometido que prejudica bastante a população é ligação de esgoto residencial nas redes de drenagem, que são de responsabilidade da prefeitura. “Esse esgoto vai explodir em algum lugar e geralmente em lugares mais baixos. Temos diversos exemplos na Praia de Ponta Negra desse tipo

de ligação. E também há quem despeje águas de chuva na rede de esgoto, havendo transbordamento das tubulações”, alerta.

As obras de saneamento básico de Natal também resolvem - a longo prazo - o problema de contaminação por nitrato de alguns poços. “Nós isolamos e desativamos os poços contaminados. Fizemos algumas obras para tratar essa água e diminuir o teor, através da utilização de membranas para retirar o nitrato. Alguns testes também foram feitos, alguns com sucesso e outros não. Temos também a adutora do Jiqui, que, além de melhorar o abastecimento, a utilizamos para misturar essa água e diluir nos reservatórios”.

Responsabilidades de todos

Para Marcelo Toscano são necessárias educação e consciência por parte da população. “O cidadão pode ser um parceiro da Caern com pequenas atitudes diárias, como não lançar materiais que prejudiquem a rede de esgoto, evitando o entupimento e extravasamento

da rede, acarretando mau cheiro e provocando problemas de saúde pública. As chamadas caixas de gordura, tanto de domicílios como de bares e restaurantes, devem ser limpadas periodicamente. Usar conscientemente a água. Aqui em Natal a gente ainda não sente tanto,

mas pelas cidades do RN vemos de perto a dificuldade de se levar água para algumas localidades. Mesmo nessas cidades, ainda há quem lave a calçada ou o carro, depois de, por exemplo, ter passado dez dias sem água. A obra traz a água e algumas pessoas desperdiçam”, lamenta.







Contas saneadas e concurso público

Antes de terminar a perguntar de como andam as contas da Caern, Marcelo Toscano já me responde: “Em dia”. E destaca que recebeu a companhia da antiga gestão com todo o financeiro correto. “Estamos honrando todos os pagamentos sem atraso, tanto aos funcionários, folha e décimo terceiro, quanto aos fornecedores. Mesmo

com essa estiagem não devemos a funcionário nem a fornecedor. Mesmo com essa seca”. Esclarece também que não há atrasos no pagamento como ocorre em outros setores do governo estadual, pelo fato de a Caern ser uma empresa de economia mista, com receita própria e independente da fonte de recurso do Estado.

Explica que houve muitas ações trabalhistas iniciadas no passado, mas que a companhia tem saído vitoriosa em algumas. “São coisas de 2004 para cá, às vezes uma mesma ação, mas que replica para todos os funcionários. A tendência mesmo é que essas ações venham a diminuir agora em 2018”. A expectativa também é que passado o

período de seca, a Caern abra um concurso público para a parte administrativa da empresa, que com o número de aposentados abriu essa carência de administradores.

No ano passado, o governo federal lançou estudo para a desestatização de empresas públicas de água e saneamento e a Caern foi citada, com a possibilidade de abertura do capital. Marcelo Toscano refuta totalmente. “Já foi dito pelo governador diversas vezes em entrevistas, em cartas entregue ao sin-

dicato antes e depois da campanha, que não interesse na privatização”.

A Caern possui a concessão exclusiva para a prestação dos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário da capital até 2027. A renovação aconteceu no ano de 2002 com validade de 25 anos. “Nós temos diversas concessões além de Natal, como Parnamirim e Mossoró. A nossa relação com essas prefeituras é sempre muito respeitosa. Aqui em Natal, nós temos a Agência Reguladora

de Saneamento Básico de Natal (Arsban), que nos cobra dentro do seu papel. E todos os quesitos que são nossos deveres estão sendo cumpridos e melhorados de acordo com as exigências, como o melhoramento dos escritórios de atendimento, onde instalamos um Call Center. Este ano, inauguraremos o Centro de Controle de Operações (CCO) e a Ouvidoria para termos uma resposta mais rápida ao público e um maior monitoramento da cidade como um todo”.

O que é de quem

Vale destacar que a ouvidoria já está em funcionamento com atendimento presencial e por telefone. Entre as maiores reclamações recebidas, de acordo com Toscano, estão a falta d'água pelo interior, vazamentos originados pelas tubulações antigas e o estouro de esgotos acarretados por ligações clandestinas e mau uso da rede.

Para evitar confusões e saber a quem reclamar quando surgir problemas na rua, ele explica que o saneamento básico possui quatro vertentes e as responsabilidades são divididas com a prefeitura. “Saneamento é esgoto, água, drenagem e lixo. Esgoto e abastecimento de água são de responsabilidade da Caern. A drenagem de águas pluviais e a coleta de lixo

são parte da prefeitura. As pessoas confundem a parte de águas fluviais como responsabilidade da Caern, mas não é”.

Sobre os buracos e os transtornos no trânsito causados pelas obras de saneamento, Toscano destaca que depois vem a qualidade de vida. As modificações no asfalto são uma das grandes queixas e motivos de ataques nas redes sociais contra a companhia. Ele esclarece que não há possibilidade de recapeamento completo da via, como é desejado pela população, porque o orçamento recebido do Ministério das Cidades cobre apenas o que foi aberto, tanto na parte de pavimento como de asfalto. “É pago apenas as valas que abrimos, que são de 60 a 80 cm. Infelizmen-

te o remendo nunca fica igual, e precisamos esperar que a prefeitura faça o recapeamento dessas ruas que foram abertas”.

Marcelo Toscano finaliza lembrando que toda obra traz transtorno e não dá para fazer uma omelete sem quebrar os ovos. “Nós instalamos quase 1 mil km de rede (a distância entra Natal e Salvador). Quebramos toda a capital, mas agora vem o desenvolvimento urbano e social. Essa parte já está quase concluída e neste ano trabalharemos para a finalização das estações. Dados da saúde mostravam que a cada real investido no saneamento economiza-se quatro na saúde, mas agora esse número dobrou, são oito reais economizados. É a maior obra que Natal já teve”.



Índios entre presidentes

Ruas de Natal que foram batizadas com nomes de grupos indígenas

Por Cícero Oliveira
Fotos: Cícero Oliveira



A REGIÃO DE NATAL localizada entre os bairros do Alecrim, Quintas, Bom Pastor, Nazaré e Lagoa Nova possui fato curioso em relação aos nomes de algumas de suas ruas. Elas possuem nomes de grupos indígenas que viveram no Rio Grande do Norte durante muito tempo.

A origem disso retoma o início do século passado. Em 1929, quando o prefeito Omar O'Grady realizou o *Plano Geral de Systematização de Natal*, as avenidas mais importantes foram batizadas com nomes de presidentes de províncias do século anterior, enquanto as dessa região, que intercalavam as principais, receberam

nomes de tribos de índios.

Partindo do oeste em direção ao leste surgiram então a Rua dos Pegas, Rua dos Paiatis, Rua dos Paianazes, Rua dos Pajeús, Rua dos Caicós, Rua dos Canindés, Rua dos Potiguares e Rua dos Tororós. Antes de receberem essa nomenclatura, essas ruas adotavam um sistema numérico, como acontece em muitas outras cidades. A rua dos Pajeús era conhecida como Avenida 8, a dos Caicós chamava-se Avenida 7 e a dos Canindés era a Avenida 6. Isso explica o fato de que várias delas ainda são informalmente chamadas pelos seus antigos nomes, os números.

Homenagem póstuma

Anna Ruth Dantas

O batismo de ruas com nomes de grupos indígenas não é exclusividade de Natal, muito pelo contrário. É algo bastante comum em várias cidades brasileiras, cada uma adotando nomes de tribos de sua respectiva região. O juiz federal Ivan Lira de Carvalho, que defendeu a manutenção dos nomes indígenas nesse conjunto de ruas natalenses, afirma que “dar nome de antigas tribos ou lideranças indígenas a ruas e praças da cidade é um gesto de reconhecimento aos originários donos da terra potiguar, inclusive do papel que tiveram na formação da nossa gente e da nossa cultura”.

No Rio Grande do Norte eram dois grandes grupos indígenas. Os tupis tradicionalmente ocupavam a região leste do estado e a esse grupo pertenciam os potiguares, que estavam instalados no litoral que vai da Paraíba até o município potiguar de Touros. Os tapuios estavam na porção mais interior e possuíam um número maior de subgrupos. As tribos que dão nome a esse grupo de ruas de Natal pertencem predominantemente ao grupo que ocupava o interior. Os índios panatis e caicós estavam localizados na região do Seridó, enquanto os janduis e pajeús estavam instalados na região oeste.



Para o magistrado Ivan Lira, os nomes demonstram a importância desses grupos para a nossa cultura

Antônio Venceslau, que é professor aposentado e morador da Rua dos Tororós desde a década de 1960, lembra que esses grupos indígenas foram quase totalmente dizimados no período da colonização para que fosse possível a ocupação do território pelos portugueses. Na opinião de Seu Antônio, “as ruas ganharam esses nomes de índios como uma homenagem póstuma, foi uma forma de mostrar arrependimento por termos matado tanta gente inocente”. O massacre que esses grupos sofreram ficou conhecido em nossa história como a Guerra dos Bárbaros.



Evitando mais injustiças

Francisco Vieira, também morador da Rua dos Tororós, ratifica a opinião de Seu Antônio, e diz que acha “muito justa essa espécie de homenagem, mas antigamente as ruas eram conhecidas pelos números, e isso deixava os moradores meio confusos”. Ele lembra que recentemente houve uma tentativa de alteração no nome da rua, que foi rejeitada pela população. Se-

gundo Francisco, “não é correto que agora a gente esqueça novamente dos nossos antepassados, seria uma grande injustiça”.

Ainda em relação à mudança de nomes nessas ruas, um fato curioso é o que ocorre com a Rua dos Canindés, que anteriormente se chamava Avenida 6, e na segunda metade do século passado teve um trecho reno-

meado para Avenida Interventor Mário Câmara. Ana Clara Cardoso, cabeleireira que trabalha nessa parte da rua que foi renomeada, afirma que já se acostumou com tantos nomes, mas que isso tem um lado negativo. “Algumas vezes demoro a receber as correspondências e encomendas aqui no salão, porque confundem o endereço”.



Rua dos Canindés



Uma constante evolução

Atualmente, esse conjunto de ruas apresenta um leque de ocupações bastante diversificado, uma parcela significativa dos imóveis ainda é residencial, mas à medida que se aproximam do bairro do Alecrim, a maioria deles passa a ter uma destinação comercial. Segundo o magistrado Ivan Lira, isso é “simbolicamente como se houvesse um respeitoso encontro entre civilizações, a exemplo das mútuas descobertas entre os índios e os europeus, há cinco séculos”. Francisca Rita dos Santos, comerciante ambulante instalada na Rua dos Caicós, conta que “o Alecrim tornou-se um grande comércio, praticamente não mora mais ninguém nessa parte da rua, só tem loja. Eu trabalho aqui há mais de 20 anos e cada vez mais a região está mais movimentada”.

Na direção oposta, afastando-se do centro comercial, esse conjunto de ruas torna-se mais adensado à medida que a cidade desenvolve-se. Muitos condomínios residenciais estão sendo construídos, e cada vez mais os imóveis localizados nessa área são valorizados. Pelo menos aqui, nossos índios devem ter uma existência próspera.



Rua dos Tororós



From Boston to Natal

Como um casal de estadunidenses transformou a sua vida e a de uma comunidade praieira do RN com a produção moveleira

Por Rosilene Pereira

Fotos: Elpídio Júnior



QUANDO ENTREI PELA PRIMEIRA vez na Aningas Móveis, fui movida pela oportunidade inusitada de conferir um mobiliário autenticamente estadunidense disponível em pleno bairro de Petrópolis. Sofás e camas grandes e espaçosos, *basic cabinets* que ora são mesas, ora armários. Peças versáteis, tudo em madeira colorida e imponente. A visita descompromissada e o tempo corrido não me permitiram investigar a história por trás daquela marca.

A curiosidade de saber como a loja veio se instalar em Natal só foi satisfeita meses depois, quando me propus a entrevistar o casal Lori e Mark Procopio, proprietários do lugar. Descendentes de italianos e nascidos em Boston, uma das cidades mais relevantes dos Estados Unidos, os dois trocaram uma vida estável em seu país para, acreditem, gerar emprego para pessoas carentes no nordeste brasileiro.



Casal Lori e Mark Procopio

Praticando o desapego

O acaso os trouxe até o Rio Grande do Norte. Lori, que em Boston era proprietária de uma rede de supermercados e já fazia trabalhos voluntários, dava aulas de inglês gratuitamente a brasileiros enquanto aprendia de volta o português. Assim, começou a fazer amigos e vir ao Brasil. Seu marido, Mark, era sócio de uma empresa moveleira com mais de 70 anos de atuação.

Nessas viagens, os dois começaram a ficar tocados com histórias de pessoas que passavam por necessidades básicas. Foi quando venderam seus negócios para familiares, que lá seguem com as atividades, e para cá se mudaram. Há oito anos, eles que poderiam viver o “*american dream*” que lhes era de direito, esco-



No RN, o casal abraçou causas sociais e ajuda a várias famílias e crianças

lheram abraçar, aqui, uma causa social. Já foram assaltados algumas vezes, tiveram dificuldades com a burocracia nacional, mas persistem no que dizem ser uma

“missão”. “Creio que seja a nossa função nesta vida trilhar caminhos transformadores, tanto para nós quanto para aqueles que mais precisam”, teoriza Lori.

Com a mão na massa

Desenvolver um trabalho na área que dominavam, a marcenaria, foi a forma de permanecer no país e iniciar uma proposta social. Ao conhecerem a localidade carente de Aningas, próxima a Barra de Maxaranguape, litoral norte do estado, viram que ali sua atuação poderia fazer diferença. Na oficina aberta lá, é o próprio Mark quem ensina as técnicas da marcenaria a quatro empregados,

todos moradores da vila.

Até aprenderem o ofício, nenhum dos quatro tinha trabalho fixo nem planos para o futuro. Foi preciso que Mark e Lori viessem de Boston para lhes despertar a habilidade para a manufatura e abrissem para a comunidade uma porta para um emprego de verdade, coisa que antes eles sequer ousavam sonhar.

Quem vê os móveis de aca-

bamento impecável sequer imagina que as peças carregam essa história de desapego e solidariedade. Esteticamente, em nada eles se parecem com o mobiliário que vemos nas casas potiguaras; seguem o tradicional estilo americano que tanto vemos em séries e filmes. Tampouco foram feitos em linha de produção de grandes fábricas, como os que estamos habituados a consumir por aqui.

Postura solidária from USA

Lori e Mark apostam na educação e no emprego para que as pessoas de Aningas possam projetar um futuro. Criaram a ONG Vá Livre (valivre.org) para viabilizar ações como dias de lazer, aulas para jovens e adultos e orientação religiosa. Muitas vezes as ações se estendem a Natal, onde vêm distribuir um “sopão”.

Com recursos próprios, voluntariado e uma parceria com a Prefeitura, a ONG já conseguiu construir uma nova escola no povoado. Frequentemente, amigos e

parentes americanos vêm ao Brasil para fazer trabalhos voluntários a convite da dupla. O próximo passo é erguer um orfanato cujo projeto já está aprovado.

Nadine Rocha, 22, é uma das beneficiadas com a postura solidária do casal. Há nove anos trabalha com eles e, há um, desde a inauguração, é vendedora da loja que não possui fins lucrativos e que, quando der lucro, este será reinvestido na contratação de mais mão-de-obra. “Vejo um bom futuro para a minha comunidade

e quero trabalhar lá, no orfanato. Quero ajudar”, planeja.

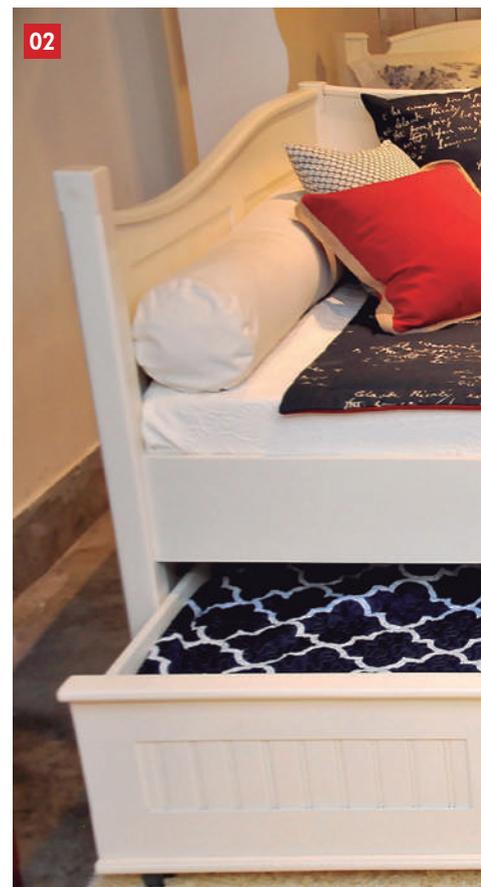
A fonte de motivação para o casal encarar tanto trabalho duro vem de gestos simples como a felicidade contida nos sorrisos tímidos das crianças de Aningas e do agradecimento sem jeito de um pai de família que hoje tem um ofício. “Também podemos proporcionar aos nossos próprios filhos uma imersão que lhes dá um melhor entendimento do mundo”. Motivação suficiente para seguir em frente, não é mesmo?



Nadine Rocha

As peças-desejo do mobiliário americano já produzidas no RN

Móveis ocupam lugar importante na ambientação, que é rica em combinações de cores e estilos. Funcionalidade e conforto são essenciais no mobiliário, predominantemente feito em madeira colorida.





01 - Hanging daybed swing – Popularizado pelo reality show dos Kardashian, lembra o balanço das redes brasileiras

02 - Daybed – Misto de cama e sofá, faz bonito na sala e recebe as visitas com sua cama auxiliar que, sem o colchão, vira um armário

03 - Boston closet tower – É um armário comprado por torres individuais, de acordo com a necessidade do cliente

04 - Basic Cabinet – Se retirada da parede, a peça que era somente um armário, vira uma ilha com mesa de refeições

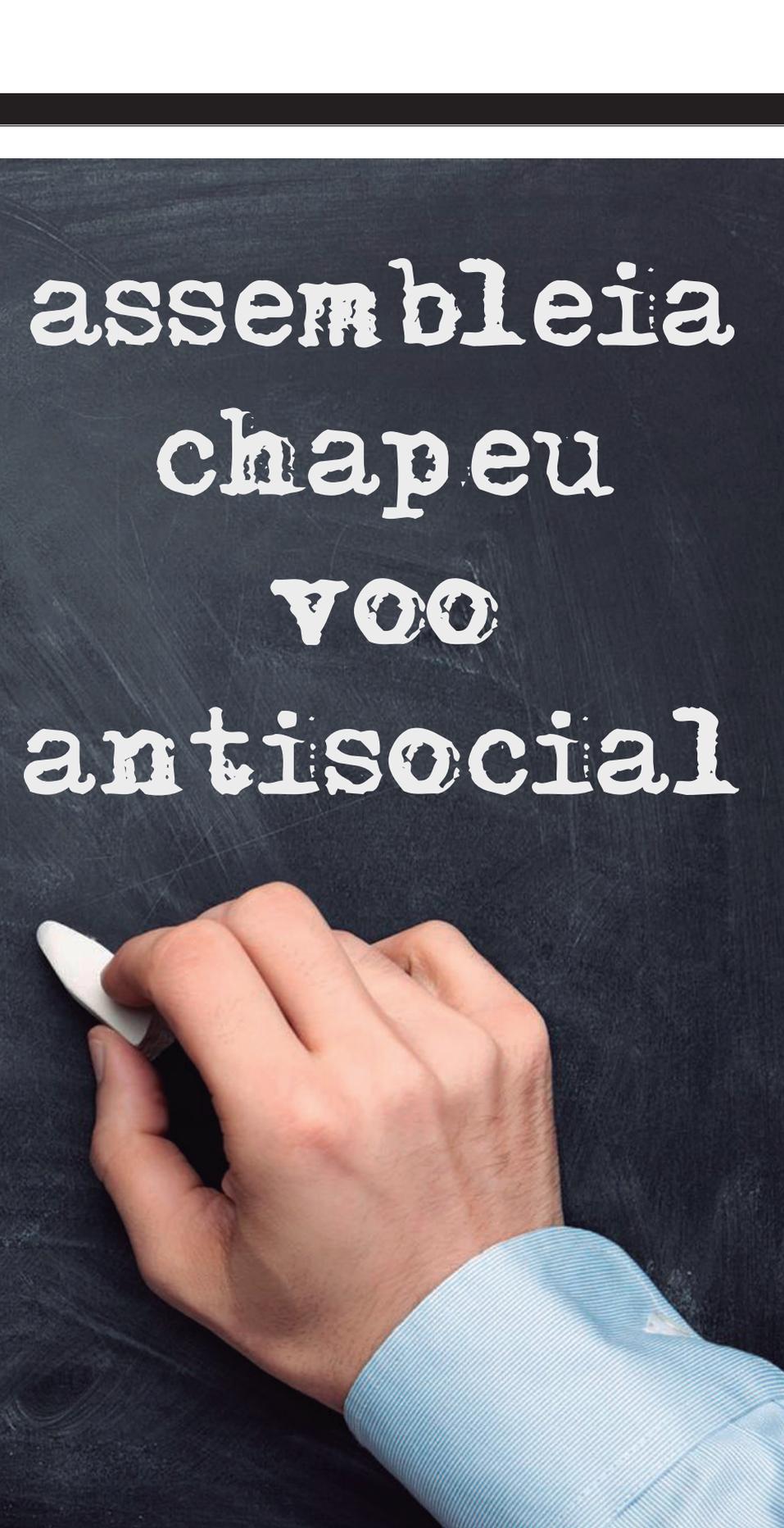


~~assembléia~~ —
~~chapéu~~ —
~~vôo~~ —
~~anti-social~~ —

Muito barulho por *quase nada*

Dois anos de Acordo Ortográfico:
a montanha que pariu um rato

Por Helena Argolo Cafezeiro



assembleia
chapeu
voo
antisocial

DOIS ANOS ATRÁS, EM 1º de janeiro de 2016, entrava finalmente em vigor no Brasil o Acordo Ortográfico de 1990, buscando, principalmente, acabar com algumas das diferenças existentes na ortografia oficial da língua portuguesa, simplificando a redação dos documentos diplomáticos nos órgãos internacionais. Segundo a nota explicativa que acompanhou o acordo, ao invés de produzirem muitas versões de um mesmo documento nas diferentes ortografias, os organismos internacionais passariam a produzir um único documento oficial, válido para todos os países lusófonos. De quebra, ainda seria possível a integração do mercado editorial entre os países.

Como todo acordo, houve concessões feitas por cada um dos que formam a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) - Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste - e não prescindiu sequer do diálogo entre as partes: foram 70 anos de discussões entre filólogos e linguistas de cada um dos países de língua lusófona, com fracassos e avanços devidamente narrados na nota explicativa do acordo.

Apesar de todo esse cuidado, o barulho foi intenso. Páginas no Facebook, abaixo-assinados, comissões debatendo no Senado brasileiro, passeatas em Portugal. Muitos lusófonos angustiados com o sumiço das letras mudas. Do acento agudo de ideia. Pipocaram sugestões de todos os lados, seja para recuar-se em algumas alterações, seja para proceder-se a mais outras.

Dois anos depois, com ânimos menos exaltados e o tema mais afastado do centro das discussões, as pessoas se habituariam aos poucos à nova ortografia. O professor Ernani Terra, doutor em Língua Portuguesa e autor do livro e DVD *De Acordo com o Acordo* (Ed. Ibipex, 2008), registra que as pessoas se adaptam muito rapidamente porque as mudanças são pequenas (o vocabulário brasileiro foi afetado em 0,5%, segundo especialistas). “Não mudou nada. O vocabulário, a construção sintática continua a mesma, só se mexeu na ortografia. Apenas vamos escrever linguiça sem trema porque Portugal já escrevia sem trema e eles escreverão sem a letra muda porque já escrevíamos sem a letra muda”, assevera. Acrescenta que as novas gerações já começarão a aprender segundo o acordo, havendo maior confusão entre as pessoas mais velhas, ainda habituadas à antiga ortografia. Ele lembra, ainda, ter ocorrido algo semelhante quando o acento da palavra almoço foi retirado. “As novas gerações nem pensam em colocar acento em cafezinho,

“
Não mudou nada. O vocabulário, a construção sintática continua a mesma, só se mexeu na ortografia. Apenas vamos escrever linguiça sem trema porque Portugal já escrevia sem trema e eles escreverão sem a letra muda porque já escrevíamos sem a letra muda.”

Professor Ernani Terra

que já teve acento gráfico”, diz.

A advogada Conceição Galli fala do apego que sente pela grafia antiga de certas palavras. “Minha resistência se prende a fatores emocionais. Toda uma vida e seus registros com a forma anterior de ortografia, cartas, bilhetes, dedicatórias em verso de fotografias e em livros... É como se estivessem apagando o que eu vivi, pois, o que eu vivi e o que eu li são uma coisa só”. Considera, contudo, que “o período logo após o acordo ser formalizado foi o mais difícil. Hoje, as dúvidas, quando surgem, são pontuais”. Também a professora do curso de Direito da Famerp do Ceará, Milena Felizola confessa-se ainda se sentir confusa, em especial com o uso do hífen, utilizando a internet para resolver indecisões sobre a grafia correta de uma ou outra palavra. “As resistências e dificuldades são naturais quando nos deparamos com a mudança de regras que eram empregadas há bastante tempo. Existe uma aversão natural do ser humano à mudança”.



Conceição Galli, advogada



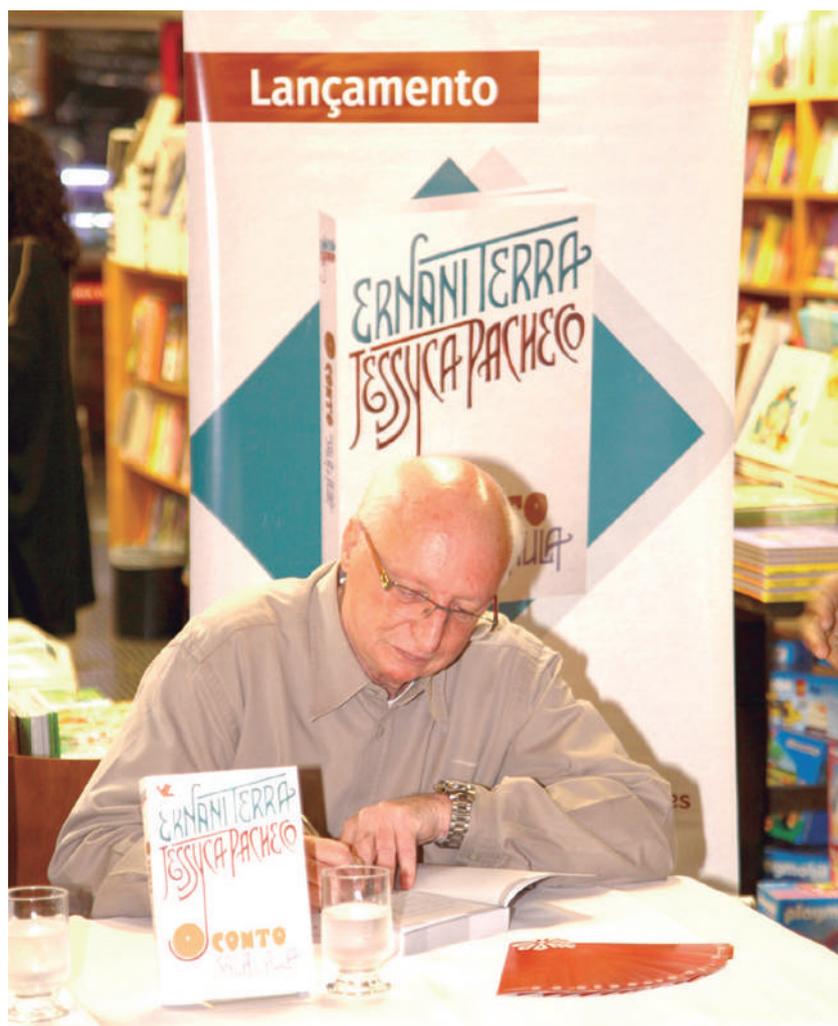
Milena Felizola

O calo

O hífen, aliás, é o grande calo do acordo. Segundo o professor Ernani Terra, por não estar ligado nem à etimologia, nem à pronúncia, o hífen não tem regras de fácil assimilação. “Tentando simplificar, o acordo complicou ainda mais”, diz. Diferente das regras de acentuação, que são poucas, para o professor o hífen tem um sistema de regras muito amplo e só tem mesmo uma saída ao usuário da língua: consultar o vocabulário ortográfico. “Se a pessoa tentar memorizar as regras do hífen vai ficar louca, pois os porquês são muito complicados para o Brasil e para os outros países. O acordo não resolveu o problema”.

O Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) trabalha para criar um Vocabulário Ortográfico Comum (VOC), que conterá os Vocabulários Ortográficos Nacionais (VON) de todos os países signatários. A primeira etapa de sua elaboração fundiu os VON de Brasil e Portugal, já adaptados ao Acordo, buscando-se em seguida elaborar os VONs de cada país individualmente. Hoje estão concluídos e integrados os vocabulários de Moçambique, Timor-Leste e Cabo Verde, e em fase de conclusão os de São Tomé e Príncipe.

A versão atualmente disponível do VOC (<http://voc.cplp.org/>), entretanto, permite saber o



Professor Ernani Terra

uso atestado da palavra em cada país, e visualizar quais palavras são comuns a todos os países e quais palavras ocorrem em um país ou países, especificamente. “A Ortografia é uma só, mas a variação é linguística, então cada país continuará com a sua língua, ela continua a mesma. Portugueses continuarão chamando de comboio o que eu chamo de trem”, diz Ernani Terra.

Como bem colocou a analista de negócios Cristiane Santos,

brasileira residente há 17 anos em Lisboa, “o importante, na minha opinião, é respeitar a língua do outro e perceber que apesar de parecer a mesma, não é igual”. Os saudosistas podem, portanto, começar a relaxar. A “última flor do Lácio” – como poetizou Olavo Bilac – deve seguir “inculta e bela”, intacta na sua diversidade cultural única, com suas diferentes sintaxes, vocabulários, entonações e prosódias.



GILSON BEZERRA

Divulgação

Um bom lugar pra ver o mar

Distante dos badalados roteiros
turísticos do litoral potiguar,
Guamaré encanta pela natureza
em seu estado mais original

Fotos: Evaldo Gomes e
Divulgação



GUAMARÉ É BONITO TOPONÍMIO para uma cidade, remete a água e maré, dois componentes essenciais do lugar, águas de maré.

A cidade é cercada de mangues e cortada por gamboas, ligadas ao oceano por pequenos canais que conduzem à costa, onde podemos contemplar o mar azul daquele trecho do litoral que eu considero o verdadeiro Caribe Potiguar.

Cheguei a Guamaré na década de 1980, na mais fina companhia de Roberta Oliveira, grande amiga macauense. Estávamos de férias em Macau e resolvemos ir conhecer a tão falada Galinhos, o que não era nada fácil naquela época.

A dica era ir de carro até Guamaré e em seguida pegar um barco até Galinhos. A cidade resumia-se a duas ruas de casebres desconjuntados à beira do Rio Aratuá e que nada tem a ver com a configuração atual da cidade. Foi uma passagem breve e circunstancial.

Guamaré está a cerca de 190km de Natal e é considerada a Suíça do RN quando se leva em consideração a arrecadação municipal turbinada pelos royalties da Petrobras e atualmente o ICMS que o coloca entre as cinco maiores renda per capita do país. Arrecadação de primeiro mundo e serviços de terceiro mundo, segundo alguns moradores.





Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Reza a lenda que durante a construção, em 1783, como capela, surgiu no altar uma pequena imagem da santa, em marfim. Assim, ficou conhecida como a “Primeira Santa de Guamaré”

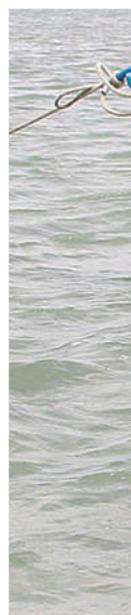
Na busca por um lugar tranquilo para passar a virada de ano 2017/2018, lembrei de Guamaré. Não podia ter escolhido lugar melhor. Junto de um grupo de amigos, atravessamos o rio e aportamos na Ilha do Presídio com coolers lotados de espumantes e uma fogueira previamente montada por nosso guia local. De lá, assistimos à queima de fogos longe do barulho da orla, tomamos banho de mar e brindamos as esperanças renova-

das de 2018. Acabamos pegando o sol com a mão na Praia da Costa, enquanto a lua descia para os lados do continente

A natureza foi pródiga com Guamaré e dotou o município de inúmeras belezas naturais e muita riqueza mineral, e eu a considero a grande promessa do turismo no estado. Apesar do potencial turístico, Guamaré nunca fomentou o turismo de lazer, focada que era no turismo de negócios. Eram tempos do boom do petróleo, to-

das as pousadas estavam interessadas nas empresas prestadoras de serviços terceirizados para a indústria petroleira e o movimento era um fluxo constante de forasteiros que iam e vinham.

Guamaré tornou-se o Eldorado do RN atraindo mão de obra de todas as regiões com a promessa de emprego fácil e salários justos. A despeito desse potencial, a secretaria de turismo nunca teve competência para alçar o município ao posto de cidade turística.





Os passeios de barco têm parada para saborear ostras frescas, retiradas do mar antes ou durante o trajeto





Registros de Câmara Cascudo

Os primeiros registros topográficos da região são do início do Século XVII, segundo Câmara Cascudo: *“Por ali passou o Capitão Pero Coelho em 1605, com a mulher, a heróica Dona Tomázia, os filhos e os derradeiros soldados fiéis, abandonando a primeira tentativa colonizadora do Ceará. Salvaram-se da fome comendo aratus crus e bebendo água fresca em AGUA-MARÉ, conta Frei Vicente de Salvador. Era zona deserta”*

A cidade se desmembrou de Macau em 1963, mas a capela de Nossa Senhora da Conceição, no entanto, já estava construída desde 1783 pelo português João Francisco dos Santos, residente em Caiçara de São Bento. Na década de 1980, começou a alavancada da economia embalada pela produção de petróleo e gás. A cidade se transformou num canteiro de obras e se encheu de pousadas e restaurantes. Hoje, com o esgotamento das reservas e poços, decadência do setor e congelamento dos investimentos, essas pousadas abrem os olhos para o turismo e a faixa de litoral que vai da Ilha do Presídio à Praia do Minhoto, alguns quilômetros de praias desertas, manguezais intactos e um mar belíssimo que a prefeitura cogitou transformar numa praia de naturismo, ideia logo rechaçada pela população.

A cara de Guamaré para mim é sentar no Bar de Seu Toinho, na Praia do Amaro, e admirar o pôr-do-sol to-

mando uma cerveja bem gelada acompanhada de um caldo de ostra. O sol algumas vezes se põe por trás das torres de energia eólica nas dunas do Minhoto, outras vezes dentro do mar, mas sempre de um vermelho intenso, uma laranja gigante mergulhando num mar raso enquanto centenas de aves marinhas se alvoroçam catando mariscos.

A cidade oferece bom número de leitos, que agora encontram-se parte ociosos com o corte de postos de trabalho da indústria do petróleo, prontos para receber turistas interessados em paisagens exóticas e com poucos visitantes. O vento constante e muito forte atrai também praticantes de kite e windsurfe. Porém, quem está procurando luxo e sofisticação escolha outro destino para passar as férias. Os serviços prestados ainda deixam muito a desejar e você pode muito bem não encontrar um único restaurante aberto para jantar.

O tipo de turismo a ser praticado em Guamaré é o turismo de experiência, aquele em que você adentra as gamboas de majestosos manguezais até a Praia da Costa de Tibaia e lá descansa debaixo de um guarda-sol, sem sinal de celular nem vendedores ambulantes, admirando o mar cristalino, comendo tainha pescada na hora e assada na brasa por Adison, o melhor guia da região, vendo o tempo passar lentamente, bem devagar, quase parando.

Augusto dos Santos

Brasília natural

A capital federal brasileira tem muito mais atrativos que o turismo de negócios e instituições públicas. Não tem mar, mas tem cachoeiras

Por **Camila Pimentel**



Cachoeira Imperial, uma das principais da Chapada Imperial, reserva particular

NATUREZA, CACHOEIRA

E A paisagem do cerrado são opções para quem mora ou visita Brasília, Distrito Federal, ter sensação de bem-estar. A capital do Brasil em muitas oportunidades é taxada como sem graça e sem atrativos turísticos por não ser banhada pelo mar. No entanto, ostenta belas cachoeiras, muitas vezes desconhecidas por muitos. Portanto, contemple-as, sem moderação.

As cachoeiras partem do desnível existente no leito de um rio que tem como resultado a queda d'água. No sul do DF, você encontra a Cachoeira Tororó, localizada em Santa Maria, dentro de uma propriedade particular. Com 18 metros de altura, é cercada por vegetação nativa do cerrado. Local popular para a prática de rapel e caminhadas, por uma taxa de R\$ 10,00.

Em Brazilândia, a beleza da Cachoeira Poço Azul fica na Chapada da Contagem, com direito à gruta. De beleza rara, são duas cascatas, uma com poço raso e o outro mais profundo, ideal para banho. A taxa de acesso é de R\$ 8,00. Também em Brazilândia fica a Chapada Imperial, que é uma reserva

Sérgio Franco



Cachoeira Rainha

ecológica particular, preservada desde 1986. Fica no ponto mais alto do DF (1342 metros). As trilhas são naturais, às margens do Ribeirão Dois Irmãos, que guarda em seu leito mais de 30 cachoeiras visitáveis. O pacote de acesso custa R\$ 100,00, que inclui ingresso de entrada, almoço, guias, trilha ecológica, educação ambiental, transporte interno no

retorno das cachoeiras, arvorismo, tirolesa, redários e piscinas naturais. Vale lembrar que a Chapada Imperial já foi destaque na BZZZ em matéria na edição de janeiro deste ano de 2017.

Vamos para o lado norte do DF. Lá você encontra a Gruta Rio do Sal, em Sobradinho. O rio forma várias quedas, que variam de seis a 12 metros de altura, em uma distância

média de 100 metros. Forma também duchas e piscinas naturais com volume de água. Sua beleza é completada por árvores de porte médio às margens do leito. A entrada é gratuita.

Ainda em Sobradinho, aproveite as cachoeiras do Gancho, da Embrapa; Buriti, Quebra Deuses, Nascente de Contagem, do Ribeirão; Colorado, Colorado 2, e Colorado 3. Todas com acesso gratuito.

Os adeptos

O casal natelense Karla Araújo (jornalista) e Carlos Henrique Bigois (funcionário Judiciário) mora em Brasília há quase cinco anos. Adeptos da prática do pedal, integram vários grupos de bikes da região, o que proporcionou conhecer as cachoeiras do Distrito Federal.

“A experiência que o pedal proporciona é incrível. A bike me levou aos lugares que jamais pen-

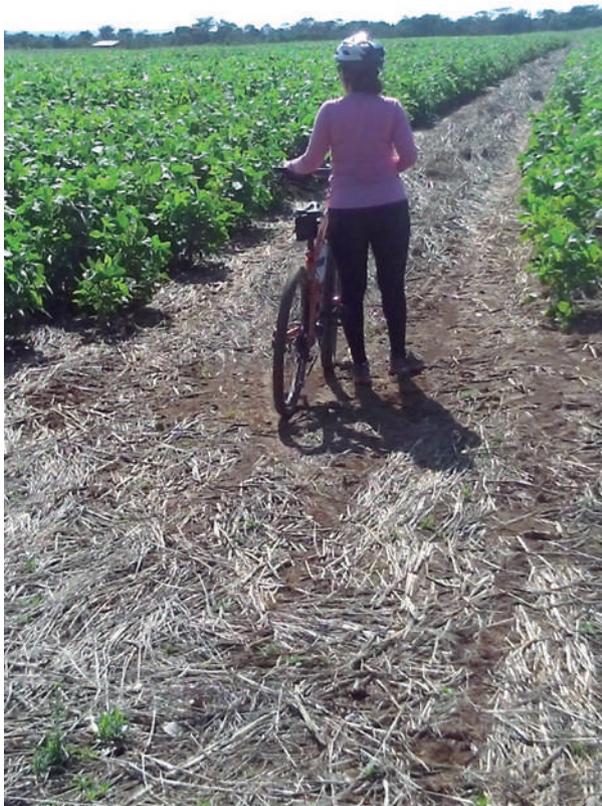
sei conhecer e vivi experiências que nunca esquecerei. O DF tem muito a oferecer, a natureza aqui é rica e maravilhosa, queremos explorar muito mais”, derramou-se Karla, que em seus pedais já percorreu algumas cachoeiras na cidade satélite de Sobradinho.

Ao falar sobre a comparação que muitos fazem com o fato de Brasília não ter mar, ressaltou: “Como boa nordestina, adoro

praia, mas as maravilhas que o DF oferece suprem 100%. É outro tipo de turismo”.

Carlos Henrique também destaca a prática do pedal em trilhas nas cachoeiras. “Fomos super bem acolhidos e incentivados pelos grupos locais de pedais que conhecemos para fazer as trilhas nas cachoeiras. O grupo Feliz nas Trilhas foi o maior incentivador dessa nossa aventura”.

Karla Araújo







HORA DO RECREIO

Férias de verão são sinônimo de praia, sol e piscina para os pequenos. Na temporada, vale moda com cultura, conforto e cara de criança

Por Vânia Marinho

Fotos: Lili Gluck

CRIANÇAS ADORAM A TEMPORADA de verão. Sem dúvida, praia e piscina são as melhores atrações. Foi pensando exatamente nessa turminha que a designer Henriete Cortez desenvolveu uma coleção super alegre e que vai agradar em cheio pais e pequenos.

Henriete tem formação em publicidade, já trabalhou com design editorial na área de livros e revistas e há dois anos foi seduzida pelo universo da moda. A primeira coleção foi desenvolvida em parceria com o Senai do Rio Grande do Norte e assim nasceu mais uma cria da nova safra de estilistas potiguares. Este ano, a designer resolveu alçar voo solo e desenvolveu a coleção 2018 com estamparia baseada no universo do artesão Expedito Seleiro.

A estamparia é exclusiva, marcada pela mistura de cores que remetem ao universo nordestino. A nova coleção da Flor de Mandacaru segue a tendência da temporada com maiôs de mangas longas e malha com proteção solar - tudo dentro da atmosfera infantil com ênfase nos babados e pompons.

Sobre o risco de *adultização* da criança com looks mais ousados, Henriete afirma que há toda uma preocupação com o conforto e com a hora de brincar. Assim, fica visível o cuidado na criação de maiôs e biquínis que permitem um visual mais infantil.

Nos looks, tudo pensado para agradar a meninada na hora de se olhar no espelho e também na hora de deitar e rolar na areia ou no mar.

As mães aprovam

A Flor de Mandacaru oferece um estilo de roupa de praia que até então era difícil encontrar no Brasil. Algumas mães afirmaram que muitas vezes tinham que buscar fora do país, já que por aqui sempre achavam peças muito cavadas e com modelos de adulto, como se a criança fosse um mini adulto.

Henriete entende a mudança de conceitos e compreende a moda como cíclica, contudo, a Flor de Mandacaru diz não à *adultização* da criança.



VÂNIA MARINHO

marinhovania@hotmail.com

PELA METADE

Quem ainda quer comprar depois da temporada das festas, o momento é agora: as liquidações estão tomando conta das lojas. Na hora de comprar, vale pensar duas vezes para não se deixar levar por impulsos.

PROTESTO

O protesto feito pelas atrizes na entrega do Globo de Ouro chamou a atenção do mundo todo. As belas desfilaram no red carpet em looks pretos em sinal de protesto contra o abuso sexual e pela igualdade de direitos. O ato foi também copiado por alguns atores que concordam com a causa e usaram preto. A presença de ativistas junto às celebridades também deu mais visibilidade à ação.

AGUA DE COCO EM MIAMI

A marca brasileiríssima de beachwear Água de Coco, por Liana Thomaz, abre loja em Miami e promete seduzir os turistas.



PARA BRILHAR

Para quem gosta de make produzido, é bom seguir a tendência do colorido metálico que promete ser a sensação do verão.



SEDUZINDO

A Animale abre liquidação com peças em seda: blusas, camisas, vestidos, tudo com até 50% de desconto nas lojas da marca.



PASSANDO A LIMPO

Para começar bem o ano, nada melhor do que ter na bolsa uma caneta Swarovski super elegante para pequenas anotações.

PARCERIA FASHION

E aqui no Brasil a Água de Coco pretende difundir a marca desenvolvendo parceria com a C&A. Nota 10!

ANTES E DEPOIS

Antes de mergulhar fundo no verão é bom lembrar de alguns cuidados com a pele para adquirir o bronzeado perfeito e duradouro. A ingestão de sucos de frutas com vitamina C, bem antes da exposição, já é um bom preparo. Chapéus de abas longas protegem bem o rosto e são tendência.

Para viver o verão

Abertas, verdes, integradas e coloridas. Casas para a estação mais quente e esperada são convite para o ano inteiro

Fotos: Divulgação



Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br



É VERÃO! AQUELE BOM sinal de novos tempos, a estação do veraneio, que faz um bem danado principalmente quando dispomos da combinação de sol, brisa, calor e lugares maravilhosos para hospedar-se. Assim é a nossa região: com vasto litoral, lugares paradisíacos, lagoas de águas claras e temperatura agradável, clima quente. É convite irresistível.

A arquitetura de “casas de verão” tem suas particularidades. Buscamos elementos arquitetônicos que, além de deixarem a casa mais bonita, trazem conforto térmico e possibilitam muita descontração.

A proteção do sol e do calor é fundamental. Abertura para entrada e saída dos ventos é imprescindível, beirais grandes protegem a casa da incidência solar nas paredes e janelas, elementos vazados são muito bem aceitos e decorativos.

Hoje temos a volta dos cobogós. Com eles criamos painéis incríveis e coloridos. O pé direito alto, além de valorizar o ambiente, retira o ar quente do plano onde as pessoas estão. Não absorver a luz do sol é importante, por isso use cores claras nas paredes externas, o que vai ajudar bastante. Contudo, para quem está em volta da casa, a luz refletida incomoda. Mesmo assim, o equilíbrio vem com a vegetação, que protege a residência.



Boas e verdes ideias

Um conceito muito interessante de estar na praia, lagoa ou campo é uma construção tipo bangalô, uma construção simples com poucas divisões, cozinha com conceito aberto, varanda, muito verde e elevada do chão tipo palafitas, o que favorece a ventilação e elimina a umidade vinda do solo.

Levar o conforto do lar para sua segunda casa é fundamental. O profissional contratado deverá entender os gostos e sonhos dos proprietários e projetar de acordo com as necessidades para aquele local. Foi dessa forma que projetei essa casa em um condomínio fechado, o Chácara Bonfim, à beira da Lagoa do Bonfim, no município de Nísia Floresta.

A casa atende às necessidades dos donos e, consequentemente, será agradável aos convidados e possíveis hóspedes. A estrutura se desenvolveu em dois blocos ligados por uma área de relaxamento e espaço gourmet, como sonhavam os moradores.



Chácara Bonfim, à beira da Lagoa do Bonfim, projeto do arquiteto Wellington Fernandes





Passar dias diferentes é também estar em uma casa com ares novos. Esse conceito é seguido por hotéis e pousadas. Assim, a casa pode ter o estilo do dono, mas de uma forma diferente, lembrando que esse diferencial pode ser a forma de organizar os espaços, as cores, volumetria ousada. Enfim, algo que saia do padrão.

Imagine uma casa onde os cômodos são separados como em uma pousada. A parte central concentra cozinha, estar, jantar e varanda principal integrada à varanda gourmet, separada por uma passarela coberta por um caramanchão, as suítes, e entre eles muito verde. Isso traz privacidade e conforto na hora do descanso. Uma experiência que pode ser levada para a cidade.

CELEBRAÇÃO

Fotos: Paulo Lima/Brasília

Toda chiquima, Kátia Kouzak abriu as portas da sua bela casa para festejar os Reis Magos. Ocasão que chegou à maioridade: 18 anos de celebração. É a abertura do calendário oficial em Brasília. E desde o início que as bênçãos são feitas pelo padre Emmanuel Sofoulis. Mas dessa vez com emoção inesperada: ele anunciou à anfitriã que vai se aposentar este ano.



Irene e Padre Emmanuel Sofoulis e Kátia Kouzak



Meire Lúcia Neme, Aline Ferro, Marleninha de Souza e Elsita Campos da Paz



Rita Márcia Machado, Elizabeth Campos e Nazareth Tunholi



Alda Corrêa e Marlene Galeazzi



Elaine Caldas e Jane Caro Azevedo



Selma Menezes e Maria Olímpia Gardino



Mona, Mirelle e Maha Nasr



Solon, Kátia e Zenon Kouzak

O **portaldaabelhinha.com.br** agora
conta também com a organização
e informações da jornalista
Eliana Lima, a Abelha Rainha



elianalima@portaldaabelhinha.com.br

 @elianalima

 @elianalima

 Eliana Lima

 Eliana Lima

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



Eco, va bene così!

Facilmente reunidas em um roteiro pelo centro-norte da Itália, as cidades de Milão, Florença, Verona e Veneza estão entre as principais razões para o país constar na lista dos mais visitados do mundo. A duas horas de trem, chega-se a qualquer uma delas, permitindo o desbravamento da Lombardia, do Veneto e da Toscana numa única viagem, com seus muitos postais e, claro, sabores.

Milão | La Prosciutteria

Mundialmente conhecida pelo design e pelo seu Duomo, Milão também é terra do aperitivo. Em Navigli, as noites seguem a regra: paga-se pela bebida e se come à vontade. Na La Prosciutteria, à beira do canal, escolhe-se o vinho no balcão e as tábuas de frios são verdadeiras obras de arte.



Veneza | Nono Risorto

Escondido em uma das centenas de labirintos existentes em Veneza, o Nono Risorto é uma dessas casas frequentadas mais por nativos que por turistas. Da cozinha, saem receitas locais, como o spaghetti alle vongole, e pizzas das mais variadas. No verão, come-se sob uma frondosa parreira.

Florença | Trattoria 4 Leoni

A romântica capital da Toscana tem uma das gastronomias mais fortes da Itália. Florença abriga o Davi de Michelangelo e incontáveis osterias e trattorias. Na 4 Leoni, as receitas fogem do tradicional. Dentre as iguarias oferecidas pela casa, está o fiocchetti (trouxinhas) de pera com molho de aspargos.



Verona | Greppia

Usada como cenário para Romeu e Julieta, a pequena Verona deve a William Shakespeare a presença de boa parte dos turistas que recebe. No restaurante Greppia, porém, o casal fica em segundo plano. As massas frescas, como o ravióli com pecorino e trufas, e o risoto Amarone são os destaques.



FELIZ 2018!

Fotos Paulo Lima/Brasília

O Salão Social do Iate Clube de Brasília foi palco da celebração à chegada do novo ano, com delícias Sweet Cake, nos sabores de frutos do mar e antepastos. No open bar, tilintares de Old Parr, Budweiser, vodca, vinho tinto, espumante, água, refrigerante e sucos. Som na caixa com DJ, banda Yellow Band e grupo Toccata. Na hora da virada, show pirotécnico e samba no pé ao ritmo da bateria.

Solon e Katherine Kouzak, Aline Brito e Geraldo Rabelo



Sofia, Kátia e Valeska Kouzak



Sílvia e Geru Ponce



Paulo e Susie Lôbo



Amauri e Lana Serralvo



Hely e Helenice Walter Couto



Gabriela Lobo, Camila Borges e Gracyela Lobo



Daniela e Oscar Lôssio, Osmarina e Rude Finger



Premiação do Festival Gastronômico de Maracajaú

SABORES E HOLOFOTES

Fotos: Canindé Soares

Por Janaína Amaral

O casal Leila Cunha Lima e Marísio Almeida pilotou mais uma edição do badalado Festival Gastronômico de Maracajaú, no litoral norte potiguar. Já é a 10ª edição. O time de amantes da boa gastronomia - dividido em três categorias: entrada, prato principal e sobremesa - não decepcionou os paladares exigentes dos jurados/formadores de opinião. Para animar a ocasião, teve pocket show de Sueldo Soares. Todos os participantes foram premiados com quadro em que a tela é uma fotografia de paisagem capturada pela anfitriã.



Janaína Amaral, entrada



José Marcelo Costa, entrada



Lorena Laurentino, entrada



A anfitriã Leila Cunha Lima e os jurados: Aline Santos, Magna Letícia, Elke Mendes Cunha, Thiago Cavalcanti



Leonardo Campos - Prato Principal



Marisio Neto - Prato Principal



Paula Lima - Prato de Principal



Ana Claudia Porpino - Sobremesa



Fabiana Lira - Sobremesa



João Coque - Sobremesa



Confraternização dos amigos e convidados do casal-anfitrião Leila e Marisio Almeida



TURISMO, PILAR DA ECONOMIA E A CARA DO RIO GRANDE DO NORTE

O Rio Grande do Norte, pedaço de terra que quando visto nos mapas tem a peculiar forma de um elefante, está localizado na porção mais a Leste do Brasil. Um posicionamento geográfico privilegiado. Somos um estado que tem a cara do turismo. E exatamente por esta sua condição de protagonismo que o setor é o grande sustentáculo do comércio e dos serviços potiguares.

Nosso litoral, da belíssima Sagi (no extremo Sul) até a agitada Tibau (fronteira litorânea potiguar ao Norte), tem mais de 400 quilômetros de praias, cada uma com sua beleza ímpar.

Mas, nem só de praias vive nosso cardápio de opções turísticas. Temos também um roteiro serrano bastante interessante, com destaque para as cidades de Cerro Corá, Serra de São Bento e Martins. Vale registro, ainda, nossa vertente do turismo religioso, seja com a estátua de Santa Rita de Cassia e seus 56 metros de altura, na cidade de Santa Cruz, seja com os recém-canonizados santos Mártires de Cunhaú e Uruaçu.

A gastronomia potiguar, que tem em suas bases o camarão

(final, nunca é demais lembrar que, na língua Tupi, “potiguar” quer dizer “comedor de camarão”), o feijão verde, a carne de sol, o queijo coalho e tantas outras iguarias, também merece um lugar de destaque.

Nossa rede hoteleira contabiliza mais de 170 hotéis e cerca de 350 pousadas, somando mais de 52 mil leitos, uma das maiores e mais bem equipadas redes do país. Não é à toa que recebemos quase 2,5 milhões de turistas por ano. A atividade emprega, de forma direta e formal, mais de 90 mil pessoas, num total de mais de 360 mil empregos indiretos. Somente nos meses de alta estação (julho, dezembro e janeiro), o setor faz girar na economia potiguar algo em torno de R\$ 1 bilhão apenas com os recursos movimentados pelos visitantes. Tenho, como cidadão e como empresário, um orgulho enorme do nosso potencial turístico. E, na condição de presidente do Sistema Fecomércio Rio Grande do Norte, sempre busco focar nossa atividade em ações voltadas à amplificação desta nossa vocação.

Mantemos, com o Senac,

nossa instituição voltada para o desenvolvimento de pessoas, capacitamos e qualificamos por ano cerca de 3,5 mil profissionais em mais de 100 cursos voltados para o turismo.

Temos apostado em parcerias internacionais. Há seis anos mantemos um canal permanente de contato com o estado alemão da Renânia-Palatinado. Já realizamos pelo menos quatro grandes missões àquela região da Europa, sendo duas com caráter exclusivamente turístico.

Temos sido parceiros dos Poderes Públicos em eventos locais e externos que possam render frutos como o incremento no nosso número de visitantes ou no seu maior encantamento com vistas a cativá-lo e fazê-lo voltar à nossa terra.

Nosso trabalho passa também por induzir – por meio, também do envolvimento do Poder Público e da iniciativa privada – a melhor estruturação dos nossos produtos. Eles precisam se fazer diferentes, precisam ser diferentes. O turista precisa ter, sempre, do Rio Grande do Norte, a melhor impressão.



Centro de Educação e Tecnologias SENAI e Unidade Operacional SESI de Educação

A formação profissional e serviços para a Indústria têm um novo centro de referência. O SENAI-RN e o SESI-RN ampliam o atendimento na região metropolitana de Natal com a inauguração do Centro de Educação e Tecnologias SENAI e da Unidade Operacional SESI de Educação, em São Gonçalo do Amarante/RN. Investimentos de cerca de R\$ 10 milhões em uma área construída de 4.897m² apresentam uma infraestrutura de última geração, planejada para potencializar o aprendizado, estimular a inovação e aprimorar a execução de serviços para a indústria. O SENAI-RN e o SESI-RN reforçam suas apostas na educação e serviços como pilares do desenvolvimento, para trazer progresso para o Brasil e dar mais oportunidades aos potiguares.



fiern.org.br



Juntos
por sua
liberdade

Já imaginou
iniciar o ano com
crédito livre para
gastar como quiser?

Fale com o seu consultor.
sicredinatal.com.br

SAC Sicredi - 0800 724 7220 | Deficientes Auditivos ou de Fala - 0800 724 0525 | Ouvidoria Sicredi - 0800 646 2519
Modalidade sujeita a análise de crédito.
Importante: alguns produtos e/ou serviços podem não ser disponibilizados durante o período de transição.
Acesse sicredinne.com.br/bemvindos para mais esclarecimentos.



Sicredi